ESTUDOS

Lingüísticos e Literários

Estudos | Salvador | n.1 | p. 1-127 | maio/1984

EDITOR
•Heliana Castro

CO-EDITOR
•João Carlos Teixeira Gomes

CONSELHO EDITORIAL
•Celina de Araújo Scheinowitz
•Evelina de Carvalho Sá Hoisel
•Ivia Iracema Duarte Alves
•Luiz Angélico da Costa
•Miguel Ángel García Bordas
•Raquel Salek Fiad Blanco
•Vera Lúcia Nascimento Brito

ASSESSORAMENTO EDITORIAL
•Hilda Maria de Melo Ferreira
•Maria Nazaré Gomes dos Santos
•Suzana Alice Marcelino Cardoso

Publicação do Curso de Mestrado em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia
Av. Joana Angélica, 183 - Nazaré
40.000 Salvador-Bahia-Brasil

ESTUDOS

LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

. Publicação do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

. Aspectos de interferência lexical no português de imigrantes galegos.
María del Rosário Albán..... 006

. "Meliacin" de Girart d'Amiens e a "História do cavalo encantado" das "Mil e uma noites". Notas sobre uma edição crítica.
Albertina Ribeiro da Gama..... 030

. Da sociedade letrada à civilização da imagem (ou de como os guardiães do templo podem perder a guarda do fogo sagrado).
João Carlos Teixeira Gomes..... 043

. O auto-segmento tonal em português.
Claiz Passos/Maria Emiliana Passos..... 067

. Lições de Romance.
David Salles..... 081

. Uma estética marxista: Della Volpe.
Cid Seixas..... 093

. Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil (reflexão sobre o português e seu ensino).
Rosa Virgínia Mattos e Silva..... 106

Programa para a História da Língua Portuguesa
PROHPOR

Estudos	Salvador	n.1	p.1-127	maio/1984

ESTUDOS; Lingüísticos e Literários, n.1, maio 1984.

Salvador, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 1984.

1. Letras - Periódicos I. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras.

CDU

APRESENTAÇÃO

A coletânea de textos que ora apresentamos sob o título de *Estudos* representa um esforço do Curso de Mestrado em Letras em abrir um espaço para discutir idéias e veicular informações, propiciando aos pesquisadores locais a oportunidade de integrar suas investigações ao desenvolvimento científico geral. Não tencionando ilhar-se em torre de marfim, mas antes servir de entrosamento para os diversos segmentos de nossa instituição e da comunidade mais ampla, esta publicação pretende, em sua continuidade, servir de instrumento de compromisso com a realidade regional, abrindo um diálogo com os demais paradigmas.

Na concretização de nossa proposta, relevância especial ocupou a CAPES, já que parte dos recursos alocados por este órgão para melhoria do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia foi aplicada nesta publicação. Ao deixarmos aqui consignado o fato, trazemos ainda nosso agradecimento a todos os que contribuíram para o êxito do empreendimento. Em especial, ressaltamos o nome de Heliana Castro, colega a quem *Estudos* muito fica a dever, considerando-se a valiosa colaboração prestada no seu planejamento e estruturação.

CELINA DE ARAÚJO SCHEINOWITZ
Coordenadora do Curso de Mestrado em Letras da UFBA

Salvador, 17 de maio de 1984

Programa para a História da Língua Portuguesa
PROHPOR
UFBA-IL-BLV

COLABORARAM NESTE NÚMERO PROFESSORES DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFBA

. Maria del Rosário Albán - Professor Assistente e Mestre em Letras pela UFBA.

. Albertina Ribeiro da Gama - Professor Adjunto e Doutor pela Universidade de Strasbourg (França).

. João Carlos Teixeira Gomes - Professor Adjunto e Mestre em Letras pela UFBA.

. Claiz Passos - Professor Adjunto e Mestre pela Universidade do Texas (EEUU).

. Maria Emiliana Passos - Professor Adjunto e Mestre pela Universidade do Colorado (EEUU).

. David Salles - Professor Adjunto e Doutor pela USP.

. Cid Seixas - Professor Adjunto e Mestre em Letras pela UFBA.

. Rosa Virgínia Mattos e Silva - Professor Adjunto e Doutor pela USP.

ASPECTOS DE INTERFERÊNCIA LEXICAL NO PORTUGUÊS DE IMIGRANTES GALEGOS

Maria del Rosário Albán

"A língua que falo é a língua d'alá."

RESUMO

Estudo que dá continuidade à observação do bilinguismo galego-português experimentado na Bahia por imigrantes galegos que anteriormente tinham sido expostos a outra situação bilingüe — galego e castelhano. Os dados lexicais aqui analisados fazem parte de dez inquéritos linguísticos gravados em fita do tipo K-7, selecionados dentre a amostra de 40 inquéritos constituída para o estudo (anterior) sobre a interferência gramatical. Os dois subgrupos, de cinco inquéritos cada, pertencem às categorias que foram consideradas, de acordo com os resultados daquele estudo, como os extremos do processo conservação-assimilação (do galego e do português respectivamente). Os resultados deste estudo parecem confirmar o que já antes demonstrara a análise da interferência gramatical: **são mais conservadores (do galego) os informantes da categoria M2 + 20 (mulheres que têm a cima de 55 anos imigradas com mais de 20 anos) e demonstram ter assimilado mais o português os informantes da categoria H1 + 20 (homens com idade entre 35 e 55 anos, também imigrados com mais de 20 anos).**

1 Desde o século XIX muitos galegos descobriram a cidade de Salvador, situada na Baía de Todos os Santos, cujo contorno geográfico é nitidamente evocador das 'rias' galegas que haviam deixado atrás. A grande maioria desse continente imigratório chegou ao longo da primeira metade deste século, e a escolha do porto de desembarque e destino de permanência no Brasil foi quase sempre fruto da influência de amigos e parentes que os tinham precedido. Aqui

empregavam-se nas "vendas" dos patrícios, mas geralmente em poucos anos passavam à condição de empregadores desenvolvendo atividades comerciais e de pequena indústria. Supõe-se que na Bahia atingiram um total aproximado de 5.000 componentes até o começo da década de 60, quando o fluxo migratório da Galiza voltou-se para os países do Centro europeu.

Este estudo pretende dar continuidade à observação de fatos resultantes do bilinguismo galego-português experimentado na Bahia por essa população, que desde o berço vivera uma outra situação bilingüe — galego, a língua vernácula, e castelhano como língua oficial. São, portanto, trilingües os galegos que vivem na Bahia.

Anteriormente, um estudo preliminar observou o desempenho linguístico de uma amostra de 9 galegos retornados à Galiza. Os inquéritos, gravados em fita cassete, foram realizados em diversas localidades da província de Pontevedra, de onde procede o maior contingente fixado em Salvador. Foi a análise desse *corpus* que apontou os primeiros indicadores da morfossintaxe para o prosseguimento do estudo desse contacto[1].

Para o segundo estudo, que se constituiu em dissertação de Mestrado[2] foram selecionados ao todo 6 fatos da morfossintaxe como indicadores fundamentais do grau de conservação do vernáculo ou, em contrapartida, de assimilação do português, os quais representam de fato isoglossas definidoras do galego tanto em relação ao português como ao castelhano. O *corpus* constituído para a análise da interferência morfossintática compreende aproximadamente 20 horas de gravações — 40 inquéritos de 30m cada — realizadas com igual número de informantes nascidos em Pontevedra,

Galiza, selecionados de forma a manter sob controle as variáveis sócio-culturais SEXO, IDADE e IDADE DE IMIGRAÇÃO e distribuídos, segundo as categorias resultantes da combinação dessas 3 variáveis, em 8 subgrupos de 5 informantes cada. Pelo resultado da análise, os informantes do sexo feminino da faixa etária de mais de 56 anos (M2) apresentam o maior grau de conservação do galego, enquanto os do sexo masculino da faixa entre 35 e 55 anos (H1) se situam no extremo oposto da escala, isto é, demonstram o maior grau de assimilação do português falado na Bahia (português-BA),que foi sempre considerado, para os fins desta análise, no seu registro informal.

2 Em decorrência desse resultado, selecionou-se para este estudo sobre o léxico o segmento do *corpus* correspondente aos 2 subgrupos que ocupam os extremos do processo dialético conservação-assimilação e limitou-se a amostra àqueles informantes dos dois subgrupos com IDADE DE IMIGRAÇÃO acima de 20 anos (+20) uma vez que esta variável apresentou resultados nulos. Assim sendo, passam a constituir este segmento da amostra para estudo da interferência lexical 5 inquéritos da categoria M2 +20 e outros 5 da categoria H1 +20, perfazendo um total de 10 inquéritos, dos quais um apresenta a particularidade de não ter sido gravado (Inq.46) por recusa expressa do informante.

Supõe-se que o léxico, por ser o nível em que se centra a função denotativa das línguas, fundamental para a intercomunicação e por requerer do falante, em função disso, grau elevado de consciência, seja o primeiro aspecto do código a ser modificado numa situação de contacto, como no caso em pauta, em que imigrantes dependem de um bom desempenho para comunicar-se com a população envolvente e ma-

joritária. Ao contrário, o sistema gramatical é considerado o mais resistente à mudança em situações de contacto, exatamente pelo baixo grau de consciência que exige dos usuários do código.

Partindo-se desses pressupostos, pretende-se neste estudo verificar em que medida se aproximam ou se distanciam os resultados agora obtidos para o léxico nos 2 subgrupos destacados e os da morfossintaxe, que abrangeram todo o *corpus*. Por outro lado, galego e português fazem parte de um *continuum* que apresenta isoglossas comuns nos diferentes níveis de estruturação lingüística, embora uns poucos traços possam distingui-los. A aplicação a essa realidade do conceito de DIASSISTEMA proposto por Uriel Weinreich é inteiramente pertinente e chega mesmo por vezes a ser percebido intuitivamente pelos falantes bilíngües, como pôde ser ouvido nas declarações dos informantes 32 e 40 e da informante 19, cuja convicção está patenteada na epígrafe deste trabalho: "A língua que falo é a língua d'alá". É restrita, pois, a margem potencial de interferência entre essas duas variedades. Conseqüentemente,exige seleção rigorosa dos fatos não coincidentes antes de expô-los a uma análise.

O tratamento lexicológico dos dados nada apresenta de novidade. Partiu-se da concepção de LÉXICO no seu sentido mais geral "conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade"[3] em que cada unidade corresponde ao que convencionalmente se chama de palavra, quer pertença ao conjunto das unidades lexemáticas ou gramaticais, considerada em relação ao contexto sintático-semântico da frase ou à íntegra do discurso.

3 O material lingüístico que compõe o *corpus* resulta de diálogos entre o documentador (DOC) e o informante

(INF) guiados por um questionário-roteiro cujas perguntas, algumas formuladas visando à obtenção de dados da morfossintaxe, incidem expressamente sobre aspectos biográficos do INF a partir da idade escolar — freqüência à escola, uso do galego e do castelhano, participação dos folguedos da aldeia, atividades rurais e urbanas na Galiza, a decisão de emigrar, chegada a Salvador e primeiros contactos com a comunidade receptora, a dificuldade de comunicação, local(is) de residência e de trabalho, sua adaptação aos costumes baianos. Também se obtiveram dados lingüísticos mais específicos a partir de perguntas sobre a educação dos filhos e a língua de comunicação na família. Desse modo, o *corpus* permite avaliar o grau de aculturação dos informantes e suas atitudes em relação às três línguas a que foram expostos.

4 Feito o levantamento inicial, procedeu-se à seleção dos dados pertinentes por meio de consultas não só a dicionários (consultou-se apenas um para cada língua, AULETE para o português, REAL Academia Española para o castelhano e o único de que dispomos para o galego, o de Franco GRANDE que apresenta inúmeras lacunas), mas também a falantes nativos do português e do galego, sempre que faltavam naqueles informação mais precisa sobre a variedade baiana e a galega de Pontevedra.

Levantaram-se todas as ocorrências de unidades lexicais de algum modo estranhas ao português-BA tanto no que diz respeito ao significante como ao significado e não se levou em conta para efeito da análise o número de ocorrências de cada unidade na fala de um mesmo INF.será usado OCORRÊNCIA para designar todas as ocorrências de uma unidade por um mesmo falante.

O agrupamento dessas unidades, entendidas como variantes galegas do diassistema galego-português em relação

ao português-BA foi ditado pela própria naturaza do *corpus*. A maíor quantidade de termos galegos concentra-se em respostas sobre a Galiza. Assim sendo, o tema do segmento do diálogo em que ocorre a unidade lexical foi o primeiro fator considerado. Depois de abandonar as ocorrências que repetiam formas galegas da fala do próprio DOC, que também é bilíngüe, chegou-se a um conjunto de 45 unidades que passaram a constituir o conjunto nº 1. (Cf. anexo)

4.1 Unidades referentes à realidade bio-físico-cultural galega (função denotativa)

Este conjunto é formado exclusivamente de substantivos que designam seres e fatos relacionados com a Galiza. O que caracteriza de fato o conjunto é o significado de base galega que parece exercer pressão sobre o falante quando do processo de seleção lexical no ato comunicativo. Por isso não se excluíram nem as unidades coincidentes com o castelhano nem aquelas que apresentam a forma da expressão oral e/ou escrita muito próxima da de unidades portuguesas que têm referentes específicos da realidade baiana.

O que se pôde observar é que das 45 unidades inventariadas, 27 ocorreram entre os 5 INFs do grupo M2 +20 e 24 entre os 5 INFs do grupo H1 +20, perfazendo o total de 29 OCORRÊNCIAS para aqueles e 26 para estes últimos.VEIGA foi a unidade mais contemplada. As mulheres em número de 3 e os homens em número de 2 empregaram-na para referir o terreno próprio para lavoura, geralmente cercado de muros de pedra (VALADOS), caracterizado por dimensão muito reduzida, efeito do minifúndio que se processou no extremo noroeste da Península Ibérica e que tanto marca a paisagem galega evocada nestes inquéritos.

(1)"Eles fica[ban] esperando pra que n[ọn]to... po[r]que a ['bẹθẹs], se se descuidara, eles [bọl'taban], ['biñan] pras ['**bẹygas**],come[r] o [b]inho, come[r] o [θ]enteio". (INF 32)

Neste conjunto, se inseririam ainda 2 outras unidades relacionadas sobretudo com a realidade galega, mas cujos referentes não estão ausentes da realidade baiana. São unidades que se diferenciam quanto ao gênero — PERO, co-variante de PERA no próprio galego e PANDEIRA, co-variante de PANDEIRO também no galego. Devido às suas características muito especiais dentro do *corpus* e ao fato de seus resultados não interferirem na análise do confronto entre os grupos H1 +20 e M2 +20 — haja vista que um INF de cada grupo realizou respectivamente cada uma das unidades —,tais unidades não entraram no cômputo geral da análise.

4.2 Unidades referentes à realidade bio-físico-cultural galega (função conotativa)

Conjunto unitário, pertence também ao campo lexical de temática galega. Está representado pelo uso de apenas 1 unidade que no contexto do discurso revela uma visão subjetiva do INF nº 1 (M2 +20) sobre um fato descrito da realidade baiana. Foi arrolada pela sua condição ótima de indicador de conservação do vernáculo.

(2)"E saía aquela **fa[r̂]acalhada** ali do [r̂]io [d]e S[an] Pedro..." (INF 01)

Passando para um campo lexical mais geral, ou seja, para o campo do léxico comum, levantaram-se as demais unidades que constituem este *corpus*, entre as quais estão incluídas as unidades gramaticais. A sua classificação conduziu ao estabelecimento de três novos conjuntos.

4.3 Unidades com variação apenas no plano do significante (cf. anexo)

Foram inventariadas 17 unidades, incluindo 2 pares de co-variantes—DESPOIS/DESPOUS e CALQUERA/CUALQUERA. São, na verdade, variantes fônicas em relação ao português-BA, mas a variação não decorre de pressões estruturais do sistema fonológico, são antes variantes livres de contexto cuja explicação talvez possa ser encontrada na história das duas variedades do diassistema. Ficam pertencendo ao *corpus* pelo fato de que essas diferenças no corpo fônico de cada palavra em particular as identificam como unidades lexicais do galego. Houve 22 OCORRÊNCIAS de 15 unidades no grupo M2 +20 e apenas 10 OCORRÊNCIAS de 6 unidades no grupo H1 +20. ALÃ "lã" foi a unidade mais contemplada. Somente 1 mulher (INF 41) não a realizou.

(3a) [d]e **ca[l]qu[ę]ra** maneira o que come[r]? sempre [ti'ñamos].

(3b) (No São João) "tem uma tra[di'θọn] an[t]iga **alã** on[d]e nós somos, de roubarem ao ca[r̂]os dos outros". (INF 40)

4.4 Unidades em relação homonímica com as correspondentes do português

Arrolaram-se neste conjunto unidades comuns ao galego e ao português que apresentam no plano do significado traços diferenciadores quanto à distribuição e à interpretação semântica.

Das 11 unidades inventariadas, 9 foram realizadas entre 4 INFs do sexo feminino com 9 OCORRÊNCIAS ao todo e apenas 3 unidades tiveram realização de 4 INFs do sexo masculino com 5 OCORRÊNCIAS no total. A unidade mais contempla

da (4 INFs) foi BOTAR no sentido de "passar tempo"

(4)"se fala/b/a: 'Ah! **bota** alã quatro ano/s/ e ...e depois /'bol/ta. (INF 10)

4.5 Unidades lexicais - isoglossas galegas

Constituem um conjunto reduzido formado de 5 unidades, 4 das quais coincidentes com unidades castelhanas. Mesmo que essas coincidências se devam ao fato de algumas terem uso no galego por interferência do Castelhano. isso não prejudica a sua pertinência ao conjunto tendo em vista que são formas já fixadas tanto na expressão oral como escrita do galego comum.

Dessas unidades, 4 foram usadas por 3 INFs M2 +20 somente 1 teve realização na fala de 2 INFs H1 +20, perfazendo, respectivamente, o total de 5 e 2 OCORRÊNCIAS.

(5) Naque/l/ mundo /d/e /dyos/ sõ mora/b/a eu a mais L. **Queda/b/a** alã em cima. (INF 1)

5 Para avaliar o desempenho dos INFs quanto ao grau de conservação-assimilação do galego e do português-BA, não se levou em consideração o conjunto nº 1 — unidades referentes à realidade galega —, pois na verdade, antes de serem indicadores lingüísticos, são indicadores que possibilitariam medir a memória cultural do INF. Por outro lado, a diferença apresentada entre os dois grupos de INFs foi inexpressiva — apenas 3 unidades a favor das mulheres de faixa etária superior a 56, num total de 45 unidades.

O conjunto nº 2 — unidades referentes à realidade galega aplicadas para a descrição subjetiva de um fato da realidade baiana —, embora sendo qualitativamente um ótimo indicador da conservação do vernáculo, é quantitativamente também pouco significativo. O fato de haver apenas 1 OCORRÊNCIA pode ser interpretado como uma idiossincrasia do discurso do INF 1. De todo modo, convém ressaltar que se trata de um representante da categoria M2 +20, a mesma que apresentou pequena margem de vantagem no conjunto anterior.

Somando-se em seguida os dados dos três conjuntos subseqüentes (3, 4 e 5), que abrangem as unidades do campo lexical da língua comum e que serão os únicos considerados para a análise quantitativa, obtém-se um total de 33 unidades. Embora cada conjunto qualitativamente apresente um peso diferencial, os dados serão quantificados com o mesmo peso, pois a diferença verificada entre os dois grupos de INFs em cada conjunto apresenta, como já foi demonstrado, a mesma direção — maior freqüência de uso de unidades galegas por parte das mulheres de faixa etária 2 imigradas com mais de 20 anos. Está no Quadro 1 a totalização dos dados:

QUADRO Nº 1

CATEGORIA DE INF.	UNIDADES LEXICAIS	OCORRÊNCIAS
M2 +20	23	36
H1 +20	05	17
M2 +20/H1 +20	05	-
TOTAL	33	53

Das 33 unidades arroladas nos três conjuntos, 23 foram realizadas exclusivamente por INFs M2 +20, 5 foram realizações exclusivas de H1 +20 e 5 ocorreram em uma e outra categorias. Isso eleva o número de unidades selecionadas pelos INFs M2 +20 para 28 (23+05) contra apenas 10 seleciona

das por H1 +20, quase um terço, portanto. Quanto à quantificação das OCORRÊNCIAS, 17, o total para H1 +20, corresponde a menos da metade das arroladas para M2 +20, em número de 36, conforme podem ser vistas, distribuídas por INF no quadro descritivo sobre os conjuntos 3, 4 e 5, em anexo.

O quadro demonstra um resultado que parece confirmar o que já antes a análise da morfossintaxe revelara: Os INFs da categoria M2 +20 são mais conservadores do vernáculo do que os da categoria H1 +20.

Mas antes de dar estes resultados como conclusivos, procedeu-se a um levantamento das ocorrências no segmento do *corpus* de unidades lexicais do português que constituem isoglossas delimitadoras do português-BA em relação ao galego. Essas unidades aparecem inseridas nos diálogos sobre temas galegos referindo fatos e seres da realidade bio-físico-cultural da Galiza num esforço de descrevê-los por meio da transposição de unidades portuguesas para designar objetos de natureza acentuadamente galegos. Constituiu-se assim um novo conjunto de dados a analisar.

6 Unidades de base portuguesa usadas para referentes galegos

São ao todo 13 unidades distribuídas quase igualmente entre os dois grupos de INFs, 6 foram usadas pelas mulheres e 7 pelos homens, perfazendo estes um total de 8 OCORRÊNCIAS e aquelas, 7. Apenas 3 mulheres contemplaram essas unidades enquanto dos 5 homens do grupo, 4 as selecionaram para uso nos diálogos.

A pequena margem de diferença não autoriza nenhuma interpretação sobre maior grau de assimilação por parte de um dos grupos, embora não se possa deixar passar desapercebido o fato de essa reduzida diferença favorecer o grupo que resultou, na pesquisa sobre a morfossintaxe, como mais

assimilador do português-BA.

7 Para concluir, cumpre destacar que estão entre os INFs da categoria M2 +20 aqueles que apresentaram maior número de unidades galegas (INFs 01 e 19), com 10 e 11 OCORRÊNCIAS respectivamente, enquanto a categoria H1 +20, na sua totalidade, contribuiu individualmente com um número muito baixo de realizações de unidades galegas.

QUADRO Nº 2

INFORMANTES CATEGORIAS/Nºs	OCORRÊNCIAS	TOTAL
M2 +20 / 01	10	
19	11	
24	08	
41	04	
43	03	
		36
H1 +20 / 10	05	
32	04	
40	03	
45	04	
46	01	
		17

Por tudo que foi observado, verificou-se que o subgrupo de homens com idade entre 35 e 55, imigrados com mais de 20 anos, apresenta no desempenho do léxico do português-BA menos interferência do seu vernáculo do que o subgrupo de mulheres com idade acima de 55, também imigradas com mais de 20 anos, o qual demonstrou maior grau de conservação do galego.

Assim, no que se refere ao processo de conservação-assimilação do galego e do português, o desempenho lexi

cal das duas categorias observadas confirma os resultados obtidos para a morfossintaxe, isto é, que a parcela da amostra constituída das mulheres mais idosas é a mais conservadora do vernáculo e a dos homens mais jovens é a mais adiantada no processo de assimilação do português-BA.

Conforme já mencionado na pesquisa sobre a morfossintaxe, esse resultado parece decorrer, por um lado, da diferença de ocupações que existe, de um modo geral, entre homens e mulheres dessa população. Enquanto estas exercem predominantemente atividades domésticas que, diríamos, impede o contacto social com a população envolvente, aqueles, ao contrário, exercendo atividades no comércio, experimentam situações que favorecem esse contacto. Por outro lado, o subgrupo dos mais idosos — examinados conjuntamente homens e mulheres na pesquisa anterior — são imigrantes que pretendiam, por ocasião da chegada, permanecer temporariamente na Bahia e não apresentavam por isso motivação para integrar-se na comunidade baiana, enquanto os mais jovens, imigrados em momento histórico distinto, quando uma série de fatores tinham contribuído para maior integração da população galega na comunidade receptora, assumiram a permanência em Salvador como definitiva e entraram num processo de aculturação mais rápido.

A N E X O

UNIDADES LEXICAIS DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADA DA OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES/Nºs M2 +20	INFORMANTES/Nºs H1 +20
Conjunto nº 1				
ALDEA	/al'deą/	"pequeno povoado"	43	40,46
BAILE	/'bayle/	"festa dançante em recinto fechado"	-	40
CACHEIRA	/ka'ẽęyra/	"cabeça de porco salgada"	-	45
CALACU	/kala'ku/	"espécie de abóbora"	19	-
CALDEIRADA	/kaldęy'rada/	"comida preparada com peixe cozido na água do mar"	41	-
CALEADOR	/kaląa'dǫrę̃s/	"aquele que pinta com cal"	43	-
CENTOLO	/ẽẽntǫlo/	"crustáceo semelhante ao caranguejo, de tamanho maior"	-	32
COLMO	/'kǫlmo/	"palha dos cereais"	01	-
CORTE	/'kǫrtę/	"estábulo"	-	10
CORTINA	/kǫr'tiña/	"horta cercada perto de casa"	19	-
EIRA	/'ęyra/	"espécie de terreiro diante da casa"	01	-

A N E X O

UNIDADES LEXICAIS DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADA DA OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES/Nºs M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 1				
EIRADO		"pātio, quintal"	43	-
ESFOLLADA	[fo̤'l̄adas]	"ação de desfolhar o milho realizada em grupos com folguedos"	24	-
FERRIÑA	[fe̤'r̈iñas]	"cada uma das rodas de metal de um pandeiro"	-	32
FILLŌ	[fi'l̄o̤]	"espēcie de panqueca"	-	40
FOLGADA	[fol'gada]	"pasto fechado"	-	10
FOLIADA	[fo̤li'ada]	"diversão noturna para cantar e dançar"	-	10
FREBA	[*'freba]	"parte magra da carne salgada"	-	10
GAITEIRO	[gay'te̤yro̤] *	"aquele que toca a gaita de fole"	19	40
GARABANZO	[hara'banθos] *	"feijão branco"	19	-
LAMPARŌN	[lanpa'ro̤ns] *	"molēstia resultante da inflamação dos ganglios"	41	-

A N E X O

UNIDADES LEXICAIS DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADA DA OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES/Nºs M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 1				
MACEIRA	[ma'θe̤yras]	"ārvore que produz maçãs"	19	-
MAQUIA	[ma'kia]	"porção de grão que corresponde ao dono do moinho"	-	40
MOINANTE	[moy'nante̤s]	"pessoa que percorre feiras enganando incautos"	19	-
MORRIÑA	[mo̤'r̈iña]	"saudade, melancolia"	-	40
MUIÑEIRA	[muy'ñe̤yra]	"dança popular aos pares soltos"	-	45
NABIZA	[na'biθa]	"folha tenra do nabo"	-	32
PALLEIRO	[pa'l̄e̤yro̤] *	"grande feixe de palha armado para secar"	-	10
PANDEIRADA	[pande̤y'rada]	"manifestação musical com um conjunto de pandeiros"	19	-
PATACO	[pa'tako] *	"moeda espanhola de cobre, de pouco valor"	41	-

A N E X O

UNIDADES LEXICAIS DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADA DA OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES/Nºs M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 1				
PATATA	/pa'tata/	"batata" (faz parte da alimentação básica da Galiza)	-	40
PESCANTINA	/peskan'tinas/	"mulher que pesca"	41	-
PETOTE	/pe'totes/	"bolinho de milho preparado com caldo do cozido"	41	-
PINO	/'pinos/	"pinheiro"	43	-
PIPA	/'pipas/	"barril para conservar o vinho"	41	40
PRESA	/'prẹsa/	"pequena represa"	-	10
RIA	/'ria/	"braço de mar ou de rio"	01	-
SERÃN	/se'rans/	"reunião noturna para diversão e trabalho"	43	-
SILVA	/'silbas/	"arbusto cheio de espinhos"	43	-
TABERNA	/ta'berna/	"casa comercial onde se vende vinho"	41	40
TABERNEIRO	/taber'nẹyro/	"aquele que vende vinho na taberna"	-	46

A N E X O

UNIDADES LEXICAIS DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO SIMPLIFICADA DA OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES/Nºs M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 1				
TOXO	/'tọ̃so/	"planta de montanha de espinhos e flores amarelas"	43	45
VALADO	/ba'lado/	"muro de pedras superpostas"	-	45
VEIGA	/'bẹyga/'bẹyhas/	"pequena propriedade para a lavoura"	01,19,43	32,46
XURELO	/su'rẹlos/	"peixe de preço popular"	41	-
		x		
PANDEIRA	/pan'dẹyra/	"s.f. pandeiro"	19	-
PERO	/'pẹros/	"s.m. pera"	-	40
Conjunto nº 2				
FARRAGALLADA	/faraka'ʎada/	"conjunto de coisas desprezíveis"	01	-

A N E X O

VARIANTES DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA	FORMAS PORTUGUESAS EQUIVALENTES	INFORMANTES/Nºs M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 3				
ACÃ	/a'ka/	"aqui, cá"	19	-
ADIVERTIR	/adi'bertẹ/	"divertir"	24	-
ALÃ	/a'la/	"lá"	01,19,24 43	10,32,40 45,46
ALMORZO	/al'mọrθọ/	"almoço"	19	-
ATRANCAR	/atran'kadas/	"trancar"	01	-
CALQUERA	/kal'kera/	"qualquer"	19	-
COUSA	/'kọwsa/	"coisa"	01	-
CUALQUERA	/kwal'kera/	"qualquer"	24,43	-
DESPOIS	/dẹs'pọys/	"depois"	19,24	32
DESPOUS	/des'pọws/	"depois"	01	-
MESTURAR	/mẹstu'rado/	"misturar"	01	-
NIN	/nin/	"nem"	19,41,43	10
PREGUNTAR	/pre'guntan/	"perguntar"	-	32

A N E X O

VARIANTES DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA	FORMAS PORTUGUESAS EQUIVALENTES	INFORMANTES/Nºs M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 3				
SOIDADE	/soy'dadẹs/	"saudade"	01	-
TAMÊN	/ta'mẹn/	"também"	41	45
VESPRA	/'brẹspa/	"vêspera"	19	-
VRAN	/'bran/	"verão"	-	45

UNIDADE LEXICAL	CONTEXTO DA OCORRÊNCIA(TRANSCRIÇÃO EM PORTUGUÊS)	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 4				
APRENDER	E ele **aprendia** muito (os alunos).	"ensinar"	-	10
BOTAR	...**botaram** a...fechar só ao meio-dia.	"passar (a)"	24	-
BOTAR	...**botamos** lá dois, quatro anos.	"ficar"	24	10,32,45

A N E X O

UNIDADE LEXICAL	CONTEXTO DA OCORRÊNCIA(TRANSCRIÇÃO EM PORTUGUÊS)	SIGNIFICADO APROXIMADO	INFORMANTES/NºS M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 4				
CARA	...subÍamos de **cara** ao Terreiro...	"(em) direção (a)"	19	-
COLHER	Minha mãe **colheu** e botou-lhe telha.	"decidir"	01	-
COLHER	...diz que **colheu** uma ...canoa lá...	"pegar"	19	-
CHEIA	Aí arranjei uma **cheia** de gente.	"porção"	41	-
DAQUELA	Mas **daquela**...minha mãe, era eu pequena...	"então"	41	-
DIREITO	...que vai pra...**direita** ao rio.	"direto (a)"	19	-
LEVAR	...eu **levei** um sapato apertado	"usar"	24	-
PARAR	...**parava** pouca...cada vez quatro,cinco anos	"demorar"	-	40

A N E X O

VARIANTES DO GALEGO	TRANSCRIÇÃO DA OCORRÊNCIA	FORMAS PORTUGUESAS EQUIVALENTES	INFORMANTES/NºS M2 +20	H1 +20
Conjunto nº 5				
MENTES	[ˈmẹ̃ntẹ̃s]	"enquanto"	01	-
MIRAR	[ˈmiɾa]	"olhar"	01	-
PERO	[ˈpɛɾo]	"mas, porém"	-	10,40
QUEDAR	[kẹˈdɑ̃w/kẹˈdaɾɣn...]	"ficar"	01,19	-
VOLVER	[bo]ˈbẹ̃w]	"voltar"	24	-
Conjunto nº 6	(Unidades lexicais do português)			
BARRACA	MATAGAL	PAPO		
BUCHO	MORRO	PRESUNTO		
COUVE	ÔNIBUS	QUINTAL		
FEIJÃO	PALAVRÃO	VASILHAME		
INTERIOR				

SINAIS USADOS NA TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS*

i - vogal anterior fechada
ẹ - vogal anterior ou central semifechada
ɛ - vogal anterior semi-aberta
ɐ - vogal central aberta ou anterior entre aberta e semi-aberta
ɔ - vogal posterior semi-aberta
o - vogal posterior semifechada
u - vogal posterior fechada
y - semivogal anterior fechada ou semiconsoante palatal sonora
w - semivogal posterior fechada ou semiconsoante bilabial sonora
p - consoante (c.) oclusiva bilabial surda
b - c.oclusiva bilabial sonora ou variante com oclusão incompleta
m - c.bilabial nasal
t - c.oclusiva lĩnguo-alveolar surda
d - c.oclusiva lĩnguo-alveolar sonora ou variante com oclusão incompleta
n - c.lĩnguo-alveolar nasal
k - c.oclusiva linguovelar surda
g - c.oclusiva linguovelar sonora ou variante com oclusão incompleta
f - c.fricativa labiodental surda
θ - c.fricativa interdental surda
s - c.fricativa predorso ou ãpico-alveolar surda
l - c.lateral lĩnguo-alveolar
r - c.vibrante simples lĩnguo-alveolar
R - c.vibrante múltipla lĩnguo-alveolar
č - c.africada linguopalatal surda
ʲ - (sobre um sinal) traço de palatalização
h - c.fricativa faríngea surda (co-variante no galego da oclusiva velar sonora - g)
* - (sob a vogal) traço de abertura pouco nítido
' - (antes de uma sílaba) acento
‿ - (entre palavras) formação de uma sílaba com a c.final de uma palavra e a vogal inicial da palavra seguinte
[ ] - delimitação da transcrição fonética

ABSTRACT

The present study gives continuity to the observation of the bilingualism experimented by Galician immigrants in Salvador, Bahia, who had also been exposed to contact with the Spanish language in Galicia. The lexical data analyzed here were collected from ten recorded linguistic inquiries, selected from a sample of forty inquiries constituted for a former study of grammatical interference. The two subgroups of five inquiries from the ten selected belong to categories that were considered, according to the results of that study, to be in the extremes of the process conservation-assimilation (of the Galician language and the Portuguese as it is spoken in Salvador, respectively): **women aged above 55 years who immigrated when they over 20 (M2 +20) and men aged between 35 and 55 years, also immigrated when they were over 20 (H1 +20).** The results of this study about lexical interference seem to point to the same direction as the ones about grammatical interference: the women showed to be more conservative than the men, who showed to be more conservative than the men, who showed in their performance to have assimilated the Portuguese language better.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Cf. ALBÃN, Maria del Rosário. O comportamento lingüístico de imigrantes galegos 'retornados'. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 30, São Paulo, jul. 1978.

2 Id. *O desempenho lingüístico de imigrantes galegos na Bahia*. Salvador, UFBA, 1979. Mimeogr.

3 DUBOIS et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978.

"MELIACIN" DE GIRART D'AMIENS E A "HISTÓRIA DO CAVALO ENCANTADO" DAS "MIL E UMA NOITES". NOTAS SOBRE UMA EDIÇÃO CRÍTICA

Albertina Ribeiro da Gama

RESUMO

Considerações a respeito da tese **Édition des épisodes inédits du "Meliacin" de Girart d'Amiens dans la version du manuscrit de Florence**, romance medieval do século XIII. A edição, o romance e seus manuscritos, conteúdo do romance, a tradição manuscrita, notas bibliográficas.

1 INTRODUÇÃO

A edição dos episódios inéditos do **Meliacin**[1], segundo o manuscrito de Florença (ms. **C**), preenche algumas das lacunas existentes depois das sucessivas edições parciais do referido manuscrito, aos cuidados de A.Keller[2], E. Stengel[3], K.Krüger[4] e P.Aebischer[5]. Nenhum desses editores chegou a estabelecer o texto crítico dos 6000 versos que compõem o episódio de Mont Esclaire (v.7889-13308), o mais importante de todos, pois representa a criação de Girart d'Amiens na versão do conto oriental das **Mil e uma noites**.

Acha-se situada a obra de Girart d'Amiens nos fins do séc.XIII, toda ela destinada às altas personalidades das cortes da Inglaterra e da França. Representam a obra do autor os dois romances, **Escanor** (escrito para Aliénor de Castille, c. 1280) e **Meliacin** (composto a partir de um conto narrado por Blanche de France, c. 1285) e a canção de gesta **Charlemagne** (feita a pedido de Charles de Valois, c. 1295).

Meliacin é uma longa narrativa de 19.159 versos, inspirada num conto oriental, onde se pode reconhecer a **His**

tória do cavalo encantado das **Mil e uma noites**, consideravelmente ampliado pelo autor. Esse conto, trazido da Espanha por Blanche de France, foi transmitido por ela a Girart d'Amiens, — o qual compôs **Meliacin** — e a outro poeta contemporâneo, Adenet le Roy, que escreveu **Cleomadès**. **Meliacin** foi escrito para o círculo real do jovem rei Felipe IV, o Belo, ou seja, a rainha Jeanne de Navarre, a rainha Marie de Brabant, a tia do rei Blanche de France, Jeanne de Châtillon, Béatrix de Bourbon e a mãe da rainha regente, Blanche d'Artois, assim como para os condestáveis da Champagne, Gaucher de Châtillon, e da França, Raoul de Clermont-Nesle.

O romance, em octossílabos, de rimas ricas onde se destacam as leoninas, as opostas e as aparentes, foi escrito em dialeto franco-picardo, verificando-se uma correspondência entre a língua do texto e aquela do autor, como demonstrou A.Saly na introdução da sua excelente edição crítica, acompanhada de um estudo completo da morfologia, da sintaxe e da versificação do texto[6].

A partir de um exame minucioso da miniatura inicial dos manuscritos **A** e **B**, que apresentam uma verdadeira "galeria de retratos", pôde A.Saly datar o romance como posterior a 1285[7].

2 CONTEÚDO DO ROMANCE: "MELIACIN"

No aniversário de Nubian, rei da Grande Armênia, pai de Meliacin, três sábios lhe oferecem três presentes encantados, sendo o mais importante aquele de Clamazart de Nuflez: um cavalo voador de ébano, ouro e pedras preciosas. Em troca, Clamazart, velho de monstruosa feiura, pede a mão de Gloriande, filha caçula do rei. Para salvar a irmã muito querida do monstruoso casamento, Meliacin resolve desmoralizar Clamazart, tentando provar que o cavalo encantado não

poderia voar. Porém, diante de toda a corte estupefata, acionado por Clamazart, o cavalo voa e desaparece no espaço com Meliacin. O rei Nubian desesperado prende Clamazart.

Nesse vôo Meliacin chega a Phelipople e conhece a princesa Celinde, filha de Alsimus, rei da Pérsia, e noiva de Sabel, filho do rei de Serre, apaixonando-se pela mesma. A partir desse fato é que vai se desenvolver o romance. Rapto de Celinde por Meliacin, que a leva para a Armênia, prometendo ao pai da princesa que voltarão casados. Na Armênia, Clamazart, já livre da prisão, através de um estratagema rapta Celinde. Meliacin parte, então, para encontrá-los. Enquanto isso desenrolam-se muitos fatos trazendo também muito sofrimento para os dois jovens apaixonados, Celinde e Meliacin. Meliacin enfrenta guerras e batalhas durante toda a busca da mulher amada. Celinde é salva do velho feiticeiro pelo Duque de Galícia que estava na Pérsia e que, por sua vez, deseja também casar-se com a princesa. Meliacin tem que enfrentar muitas guerras com Sabel e com o rei de Serre que contam com a ajuda do pai de Celinde.

Prisão em Mont Esclaire, batalhas terríveis, mas tudo termina bem com o auxílio de um vilão sábio e ardiloso e de Pirabel, sobrinho do rei de Serre, inicialmente inimigo mortal de Meliacin, cavalheiro como este e que depois se torna seu amigo fiel.

Meliacin utiliza grandes estratégias e disfarces para conseguir raptar sua noiva e a leva finalmente para seu país, montando o seu cavalo voador.

Meliacin e Celinde casam-se, tornam-se rei e rainha da Armênia. Realizam-se, ao mesmo tempo, mais quatro casamentos, dentre os quais aquele de Gloriande, a irmã de Meliacin, com o seu maior amigo, Pirabel.

Clamazart é julgado, condenado a torturas e morre.

Meliacin é a história de uma traição, da qual os principais personagens são o príncipe Meliacin, a princesa Celinde e o mágico Clamazart, velho de monstruosa feiura, instrumento do destino, que permitirá a descoberta de Celinde por Meliacin.

Fundamenta Girart d'Amiens a moral dos seus personagens nos princípios da sociedade feudal, onde a suprema virtude é a fidelidade e a **palavra de honra** é o alicerce da sociedade. O romance mostra-se tão interessante quanto agradável. O autor é dotado de um temperamento lírico com seu próprio estilo. Seu vocabulário é pobre, mas sua versificação é rica. **Meliacin** é uma obra de importância na história literária francesa, sobretudo no que tange à fidelidade de adaptação do conto oriental das **Mil e uma noites**[8].

Quanto ao episódio de Mont Esclaire, trata-se de "um conjunto de aventuras que se desenvolve em oposição ao enredo principal"[9]. É em Mont Esclaire que Meliacin se torna digno da simpatia e da admiração do rei da Pérsia, pai de Celinde, pela bravura cavalheiresca. Vale acrescentar que esse longo episódio de guerra aumenta a angústia do leitor: o assédio de Mont Esclaire se situa entre o salvamento das jovens e a retomada da busca de Celinde e trata da guerra em conseqüência do rapto de uma noiva. Esse tema pode ser de fundo oriental, mas não se acha incluído nas versões conhecidas.

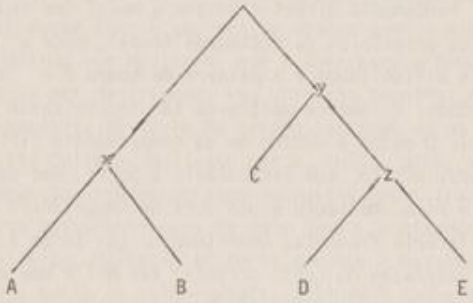
3 A TRADIÇÃO MANUSCRITA

3.1 OS MANUSCRITOS DE **MELIACIN**

O romance de **Meliacin** é representado por cinco manuscritos: Ms. A - Paris, B.N., f.fr., 1633 (antigo 7631)
Ms. B - Paris, B.N., f.fr., 1589 (antigo 7610)
Ms. C - Florença, B. Riccardiana, 2757

Ms. D - Paris, B.N., f.fr., 1455 (antigo 7538)
Ms. E - Bruxelas, B.R., IV-319[10].

A.Saly representa as relações entre os cinco manuscritos com o auxílio do seguinte estema[11]:



Os manuscritos da família **x** são os manuscritos do séc.XIII, enquanto aqueles do séc.XIV são os da família **y**. Relativamente à família representada por **C D E**, vale lembrar que nenhum dos três manuscritos descendem um do outro[12].

O manuscrito **C** é o único representante da família **y** independente do subgrupo **z**. É um manuscrito tido em alta estima e sobre o qual se basearam até aqui as edições parciais do romance, com exceção da de G.Bertoni feita a partir do manuscrito **A**[13].

3.2 O MANUSCRITO DE FLORENÇA (ms. C)

Início do séc.XIV[14]. Dialeto franco-picardo; escrita gótica do séc.XIV. Velino, I + 171 + II fólios;numerados à máquina. A folha de guarda, numerada 1, é um fólio de um livro de salmos, enquanto os dois outros, numerados 173 e 174, trazem igualmente um texto latino.

Medida: 255 x 180mm. Justificativa: 177 x 125mm.Tex

to em duas colunas; 30 linhas por coluna, exceto nos fólios ornados com miniaturas e naqueles que contêm as inserções líricas. A disposição estrófica das cantigas não é respeitada: entre cada linha desses textos existe um intervalo de duas linhas reservado para a música que não consta do manuscrito. Nota-se o mesmo intervalo entre o texto do romance e o início dos textos líricos. Tracejamento de riscas a lápis. Quando um verso é escrito em duas linhas, a segunda vem a ser completada. Possui 20 cadernos regulares e dois de 6 fólios. Os cadernos I e III trazem assinaturas e os fólios 9, 23, 63, 135 e 157 têm observações no verso.

A grande inicial que marca o começo do texto ocupa 10 linhas, acha-se enquadrada e ornada com ramagens,avançando mais 7 linhas, prolongando-se por um ramo de trepadeira com um pássaro. Enquadra a justificativa e lembra aquela de **A** e **B**.

Apresenta número de letrinas menor do que o de **A** e **B**, alternando as cores vermelha e azul, ocupando duas linhas com filigranas e antenas na cor oposta.

Títulos nos fólios 11r9 (Melyacins),16v9(Absalons), 19r9 (Mauquidars Gigas), 34r9 (Pirabiaus),47r9(deux Galicie), 55v9 (Roberonus magister latronum), 108r9 (imperatrix Thessalie).

O manuscrito era ornado com três miniaturas na largura da justificativa, nos fólios 2r9, 33r9 e 56r9,as quais foram extraídas; a mutilação do fo. 2 provoca uma lacuna que vai do v.28 ao v.40 do texto.

Entre o verso "Que chascunz l'amoit par amours", na coluna 167d, e o verso seguinte "Joiaus d'or et vesselemente", na coluna 168a do manuscrito, existe uma lacuna que prejudica a continuidade e a coerência da narrativa[15].

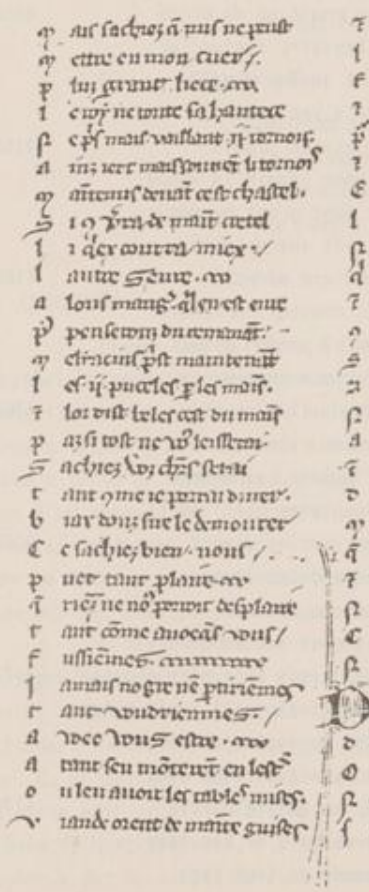
O manuscrito **C** parece não pertencer há muito tempo

ã Biblioteca Riccardiana. Já em 1810 se encontrava nessa Biblioteca, porém, ainda não figurava no catálogo compilado por Lami em 1756. Não há vestígio da numeração dada por esse erudito aos códices que constituíam então a biblioteca da família Riccardi. Anteriormente, deve ter feito parte da biblioteca da Cartuxa de Val d'Ema, erguida ao sul de Florença.

4 EXCERTO EDITADO DO MS. C

4.1 FO. 87a - 87b: v. 4126-4178[16]

/87 a/ Mais sachiez que nus ne peüst
Mettre en mon cuer pluz grant liece.
Le roy ne toute sa hautece
Ne pris mais vaillant II tornois,
Ainz iert mais souvent li tornois
Maintenus devant cest chastel!
Si c'on verra de maint cretel,
Li quieus courra mieus l'autre seure.
Alons mangier,qu'il en este eure,
Puis penseronz du remanant."
Melyacins prist maintenant
Les II puceles par les mains
Et lor dist:"Beles,c'est du mains,
Paz si tost ne vous laisserai:
Sachiez voz chevaliers serai
Tant conme je porrai durer.
— Biaus douz sire, le demourer,
Ce sachiez bien,nous puet tant plaire
Que rienz ne nous porroit desplaire,
Tant conme avoeques vous fussienmes;
Jamais no grẽ n'en partirienmes,
Tant voudrienmes avoec vous estre!"



Ms.C. Florença, B.Riccardiana,2757,início séc.XIV. f987r9.

Atant s'en monterent en l'estre
Ou l'en avoit les tables mises:
Vſande orent de mainte guises
/87 b/ Et bons vins a leur volentē.
Li quens ou moult ot de bontē
Fist Mont Esclaire renforcier,
Et garros et engins drecier
Pour grever a ses anemis;
Et ot pour espier tramis
En l'ost, pour savoir la venue.
Leans n'ot gent grant ne menue
Qui ne fussent aharneschiē
Et en la maniere adrecië
Conme a tel chastel convenoit.
Sabel qu'en sa prison tenoit
Refist sa prison rengregier.
Nepourquant ot il a mangier
A grant foison et netement
Et le fist guerir sainnement
Des grandes plaies qu'il avoit.
Mais Sabiaus mie ne savoit
Que ses peres deŭst venir.
Et li peres que devenir
Ne resavoit pour lui adonques,
Car tel duel a son cuer n'ot onques:
Du grant duel qu'il avoit moroit,
Pour son fil de duel s'acoroit,
Dont il ne savoit mort ne vie;
Onques nuz hom qui se marvie
Ne fu si tres hors de son sens.
Il avoit mandē de touz senz

4.2 APARATO CRÍTICO[17]

4132 - 4135. Ms. AB.

Alons mengier il n'i a tel,
Puis pensserons du remanant."
Melſacins prist maintenant

4168 - 4171. Ms. AB.

Mais de son pere ne savoit
Qu'il deŭst la si tost venir.
Mais Natalus que devenir
Ne savoit pour son fil adonques,

5 CONCLUSÃO

Cremos que **Meliacin** ē uma obra de importância na **História Literária**, sobretudo em virtude de representar a mais fiel adaptação do conto oriental das **Mil e uma noites**. Segundo A.Saly, ele não pode ser considerado uma obra prima como o conto na versão de Galland[18] e na edição de Breslau[19], mas ē um romance que nos conservou com bastante fidelidade a **versão medieval** do velho conto persa, transmitida por Blanche de France, introduzindo-o na **Literatura Francesa**, onde, sem dūvida, ele faz jus a ocupar um lugar[20].

O texto do manuscrito **C**, como dissemos, jamais foi integralmente editado, no entanto, este manuscrito ē o de maior autoridade na tradição estabelecida nas quatro edições citadas[21]. Vale acrescentar que nessas edições parciais do ms. **C**, os editores abstiveram-se de imprimir, entre outras, a parte mais original do romance de **Meliacin**, isto ē, o episōdio de Mont Esclaire, limitando-se, como afirma P. Aebischer, a dar os episōdios correspondentes ao conto oriental[22].

Foi levando em conta todos esses fatores que decidimos editar os 12.782 versos dos episódios inéditos do texto do manuscrito **C** de **Meliacin**.

RÉSUMÉ

Considérations à propos de la thèse: *Édition des épisodes inédits du "Meliacin" de Girart d'Amiens dans la version du manuscrit de Florence*, roman médiéval du XIII[e] siècle. L'édition, le roman et ses manuscrits, le sujet du roman, la tradition manuscrite, les notes bibliographiques.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Tese de Doutorado, apresentada à Université des Sciences Humaines de Strasbourg, defendida em 25 de outubro de 1982, subvencionada pela UFBA e pelo CNPq. Texto original em língua francesa. Cf. GAMA, Albertina Ribeiro da. *Édition des épisodes inédits du "Meliacin" de Girart d'Amiens dans la version du manuscrit de Florence*. Strasbourg, Univ.des Sciences Humaines,oct.1982.xLviii + 382p. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle - Linguistique et Philologie Romanes et Françaises. Dir.par Antoinette Saly.
Na *Édition des épisodes inédits du "Meliacin" de Girart d'Amiens dans la version du manuscrit de Florence*, 'Biblioteca Riccardiana', 2757 ("Edição dos episódios inéditos do "Meliacin" de Girart d'Amiens na versão do manuscrito de Florença"), foi utilizado o método de Joseph Bédier, dividindo-se o trabalho em duas partes: *Introduction* ("Introdução") e *Édition* ("Edição") propriamente dita.
A *Introduction* (p.iv-xLviii) abrange três capítulos: 1) *Girart d'Amiens et son Oeuvre. Le Meliacin* ("Girart d'Amiens e sua Obra. Meliacin", p.iv-xxxviii), estudando-se as fontes do romance, a data e os destinatários, o conteúdo do romance *Meliacin* e o episódio de Mont Esclaire e as peças líricas; 2) *La Tradition manuscrite* ("A Tradição manuscrita", p.xxxix-xLiv), enfocando os cinco manuscritos de *Meliacin* e em especial aquele de Florença (ms. **C**); 3) no *Établissement du texte* ("Estabelecimento do texto", p.xLv-xLviii), esclarecem-se os

princípios adotados na edição e o tratamento do texto: o desenvolvimento das abreviaturas, a pontuação e as explicações concernentes ao aparato crítico.
A *Édition* (p.1-374) consta de quatro capítulos: 1) *Texte* ("Texto", isto é, edição crítica dos 12.782 versos dos episódios inéditos de *Meliacin*, p. 1-338); 2) *Appareat critique* ("Aparato crítico", p.339-353); 3) *Table des noms propres* ("Lista dos nomes próprios", p.354-357); 4) *Glossaire reduit* ("Glossário reduzido",p.358-374). Segue-se a *Bibliographie* ("Bibliografia", p.375-381), classificada por assunto.
Cf. KELLER,A. *Romvart, Beitraege zur Kunde mittelalterlicher Dichtung aus italianischen Bibliotheken*. Mannheim - Paris, 1844, p.99 et seq.
Cf. STENGEL,E. Die altfranzösischen liedercitate aus Girardin's d'Amiens du Cheval de Fust. *ZRPh*, Halle, 10:460-76, 1886.
Cf. KRÜGER,K. *Das Verhältnis der Handschriften von Girart's d'Amiens Cheval de Fust*. Diss.,Greifswald, 1910.
Cf. Girart D'AMIENS. *Le roman du Cheval de fust, ou de "Meliacin"*. Édition de P.Aebischer. Genève, Droz, 1974.
Cf. SALY, A. *Édition critique du "Meliacin" de Girart d'Amiens, accompagné d'une étude historique et littéraire*. Thèse d'État, Paris-Sorbonne, 1977. (No prelo).
Edição integral que tomou como base um representante da família **x**, o ms. **B**, controlando-o com o auxílio dos outros ms. **A C D E** e levando em conta os méritos respectivos.
7 Cf. id., Les Destinataires du roman de "Meliacin". *Tralili*,Strasbourg, 19(2):7-17, 1981.
8 Cf. id., *Édition critique...*, p.518.
9 Cf. id., ibid., p.259.
10 "Adoptant les sigles de G.Bertoni pour les quatre premiers, nous désignons le cinquième, de découverte récente, par **E**". Cf. SALY,A. *Édition critique...*, p.20.
11 Cf. id., ibid., p.51.
12 "**D, E** constituent un sous-groupe qui a, par ailleurs, ceci de particulier; qu'il dérive d'un manuscrit de cette famille contaminé, en ce qui concerne les quinze premiers feuillets, avec un manuscrit de type **y** du *Cléomadès* d'Adenet le Roy". Cf., id., ibid., p.50.
13 Cf.BERTONI, G. Sui manoscritti del "Meliacin" di Gerard d'Amiens. *ZRPh*, Halle, 27: 616-21, 1903.
14 Descrição no catálogo: MOSTRA di codici romanzi delle biblioteche fiorentine, Firenze, 1957; por BRAULT,G. Les Manuscrits des oeuvres de Girart d'Amiens. *Rom*, Paris, 80: 433-46, 1959; por P.Aebischer (cf. Girart d'A

MIENS. *Le Roman du cheval de Fust, ou de Meliacin*, ed. P.Aebischer); por SALY,A. Les Manuscrits du "Meliacin" de Girart d'Amiens. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, Strasbourg, 18(2): 23-35, 1980.

15 Na nossa edição a lacuna correspondente aos versos 12077-12196, que tivemos de completar com o texto correspondente da edição A.Saly. Cf. SALY,A. *Édition critique...*, v.III (texto), p.663-67, versos 18456-18575.

16 A numeração dos versos corresponde à que adotamos na nossa edição.

17 Comparamos o texto do manuscrito **C** com o da edição Saly (ms. **B**). Podemos observar que o ms. **C** reduz, ou desenvolve, algumas vezes consideravelmente o texto de **x**. Na edição o aparato vem colocado logo em seguida ao texto.

18 Cf. LOISELEUR-DESLONGCHAMPS, A. *Les Mille et une nuits, contes arabes, traduits en français par Galland*. Nouv. éd. Paris, Panthéon Littéraire, 1838.

19 Cf. HABICHT,M. *Tausend und eine Nacht, arabische* Erzählung. Deutsch von M.Habicht, H.von der Hagen und C. Schall. 5.verbesserte Auflage. Breslau, 1840. 9v.

20 Cf. SALY, A. *Édition critique...*, p.518.

21 Cf. edições citadas às notas 2, 3, 4 e 5.

22 "J'ai préféré m'en tenir à trois épisodes qui dans leur ensemble comprennent un peu plus de cinq mille vers et qui se présentent comme les trois points caractéristiques du vieux conte arabe". Cf. Girart d'AMIENS, *Le Roman du cheval de fust, ou de Meliacin*, ed. P.Aebischer, p.2.

DA SOCIEDADE LETRADA À CIVILIZAÇÃO DA IMAGEM

(OU DE COMO OS GUARDIÃES DO TEMPLO PODEM PERDER A GUARDA DO FOGO SAGRADO)

João Carlos Teixeira Gomes

RESUMO

Este trabalho analisa o poder dos modernos veículos de comunicação social, especialmente a televisão, questionando alguns problemas que surgem na transição da sociedade letrada para a civilização da imagem. Reclamando uma atitude crítica de participação da comunidade universitária em relação à TV, ao invés da simples atitude de negação ou recusa exacerbada, que considera fruto de preconceitos incompatíveis com o espírito aberto que deve inspirar a atuação da universidade, estuda, no final, o poder das telenovelas, típica criação da TV brasileira. Ao considerá-las herdeiras legítimas de uma tradição narrativa que começa no mundo ocidental com a **Ilíada**, de Homero, o autor define as telenovelas como **literatura eletrônica**, suscetível de melhorar a sua qualidade pelo aperfeiçoamento imposto por uma atitude crítica de vigilância e participação por parte de intelectuais e professores.

Nenhum homem civilizado pode, hoje, escapar da influência dos veículos de comunicação. Mesmo que, freqüentemente, ouçamos de muitos deles expressões como "não leio jornais, nem ligo rádio ou televisão" — ilusória fórmula com que se imagina possível escamotear a verdade e fugir às contingências da vida moderna — o certo é que, até no mais íntimo recesso do nosso lar, somos envolvidos por esse fenômeno tão poderoso que serve, mesmo, para caracterizar e quali

ficar o tempo em que vivemos — não por acaso rotulado de "era das comunicações de massa" ou, como prefere a Igreja, "era da comunicação social".

Se não gostamos de rádio ou de televisão, nem tampouco lemos jornais, temos sempre ao nosso lado um amigo, um filho, um parente próximo e até mesmo uma empregada doméstica que fazem, todos os dias e a todo momento, a opção inversa — quando não é a nossa própria mulher ou nossa filha que nos impõe o convívio com heróis, heroínas, vilões e toda a curiosa fauna humana que povoa o mundo encantado dos sonhos eletrônicos, ministrados em suaves prestações diárias, por força do envolvimento incontrastável da TV. A guerra que se passa na casa do nosso vizinho chega até nós em forma de manchetes ameaçadoras ou imagens visuais a cujo impacto não podemos fugir. Se ainda assim nada disso nos atingisse, cederíamos, de qualquer sorte, ao apelo das mil opções do nosso temperamento e das nossas preferências, tão habilmente enredados pelos mágicos da comunicação: desde o disputado noticiário policial dos jornais até a emoção do simultâneo acompanhamento, pelo rádio ou TV, das decisões da Taça Brasil ou dos jogos da Copa do Mundo, passando pelos frenéticos debates políticos que a consciência democrática do País vai transformando em saudável rotina, sempre há, de alguma forma, um ponto de interesse comum que nos faz **usuários solidários** dos meios de comunicação.

Estabelecida essa preliminar que a realidade do dia-a-dia nos impõe, cedamos agora a palavra a um estudioso da comunicação, que tem, talvez, a vantagem de não ser um profissional do ramo, o Prof. Samuel Pfromm Neto, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo:

> Diariamente, os brasileiros despendem meia hora ou mais, em média, com a leitura de um jornal. Durante uma ou duas horas, ouvem transmissões radiofônicas. Parte da noite — duas, três horas — é dedicada à televisão. A leitura de uma revista toma um ou duas horas, semanalmente, e dez a doze horas semanais, são preenchidas com leitura de livros. Quatro ou cinco horas por semana são gastas com filmes cinematográficos, no cinema ou na televisão.[1]

Adverte-nos o professor Pfromm Neto que esses números são hipotéticos, "pois estatísticas e pesquisas sobre consumo de televisão, rádio, cinema e materiais impressos no Brasil não existem ou são precárias"[2], além de que tais dados não podem ser uniformes, levando-se em consideração as características dos recursos humanos ou do estágio das várias regiões do País (maior ou menor grau de desenvolvimento, índice de alfabetização, realidade urbana de cada uma delas e condições econômicas e sociais dos seus integrantes). Todas essas variáveis, porém, não impedem, segundo o mesmo professor, que a comunicação social preencha, "com exclusividade ou paralelamente a outras atividades, seis horas diárias em nossas vidas". E conclusivamente:

> Um quarto da vida humana é ocupado, de modo parcial ou total, por comunicação de massa.[3]

Não precisaríamos mais do que esta afirmação tão significativa, cuja veracidade é possível comprovar na pró

pria vida diária de cada um, com alterações de pouca monta, para termos compreensão exata da relevância dos veículos de comunicação nos dias que correm, englobando jornal, livro, revista, rádio, cinema e televisão, além de formas alternativas hoje estudadas com muita atenção pelos especialistas, como as histórias em quadrinhos. Apenas em relação aos veículos de maior penetração popular, será oportuno revelar que, na década de 70, o Brasil dispunha de mais de 90 estações de rádio, 40 estações de televisão, mais de 3 mil cinemas, 77 órgãos impressos como revistas e semanários, além de 70 jornais entre grandes e médios, não incluindo nessas estatísticas, fornecidas pelo IBGE, os pequenos jornais interioranos, hoje em menor número, mas que já assumiram papel de grande relevo na vida do País, inclusive como elementos de coesão nacional e formadores da consciência brasileira. Isto ocorreu mormente no séc.XIX, nas fases posteriores à Independência, quando ainda buscávamos a nossa identidade nacional, a cujo encalço logo se lançou, nos alvores da nacionalidade, o **Correio Brasiliense**. Mas vejamos que são bem modestos esses números, se evocarmos que somente na área da imprensa escrita, na mesma década, os Estados Unidos possuíam 1.763 jornais entre matutinos e vespertinos, totalizando a tiragem diária assombrosa de 62 milhões, 107 mil e 744 exemplares[4]. Só em Nova Iorque, o popular **Daily News** possui uma edição diária de mais de 2 milhões de exemplares, contra o quase hum milhão do prestigioso **New York Times**, em dados aproximados, considerando-se ainda como parâmetro a última década, de 70.

Atravessamos, hoje, um momento muito especial na evolução da era das comunicações sociais, integrantes que somos daquilo que alguns teóricos gostam de denominar "a civilização da imagem", pelo predomínio dos meios visuais de comunicação, abrangendo as formas sofisticadas da propaganda e os meios de entretenimento moderno, entre os quais sobreleva, com indiscutível soberania, a televisão.

Questiona-se, hoje, o papel da imprensa escrita e dos meios gráficos como o livro, diante do poder da TV. Recordemos, contudo, que o mundo ocidental caracterizou-se, durante séculos sucessivos, como o mundo da **civilização letrada**. E isto que sempre nos pareceu um avanço extraordinário, a conquista básica do ser humano no processo de apreensão do conhecimento e de transmissão da cultura, época houve em que também foi questionado e visto, mesmo, como uma grave ameaça.

Por mais estranho que nos possa parecer, a introdução do alfabeto, invenção fenícia, na Grécia, causou apreensão entre os filósofos e chegou a provocar reação contrária, a julgar pelo que lemos numa passagem de um dos mais belos diálogos de Platão, o **Fedro**, onde estão reunidas algumas idéias básicas da sua filosofia. Platão faz conversarem dois interlocutores, Fedro e Sócrates e, através deste último, lembra que, ao lado dos números e do cálculo, da geometria, da astronomia, do jogo de damas e dos dados, foi o velho deus egípcio Thoth o inventor da escrita, ao tempo em que governava o Egito o Rei Tamuz. Sócrates lembra a Fedro que, num encontro entre ambos, Tamuz formulava comentários sobre as invenções de Thoth, quando o ouviu fazer elogios à escrita, como o instrumento que engrandeceria a memória humana e a aquisição da sabedoria. Tamuz respondeu:

Tu, como pai da escrita, esperas dela com o

> teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites aos teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e se consideram homens de grande saber, embora sejam ignorantes na maior parte dos assuntos. Em conseqüência, serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários, ao invés de verdadeiros sábios.[5]

Estamos diante de um trecho admirável, pois mostra como os gregos antigos davam importância à transmissão pessoal e direta do saber, numa concepção de "paidéia" (educação integrada e totalizante) que os homens modernos perderam talvez para sempre. O saber dos livros apenas não bastava, se não viesse acompanhado da experiência transmitida de geração a geração pelos mestres que a detinham e através dos exemplos extraídos da memória coletiva.

Julgamos inconcebível à luz dos nossos hábitos de hoje que possa ter sido assim, algum dia, mas basta que nos lembremos de que os grandes poemas que inauguraram a literatura ocidental, a **Ilíada** e a **Odisséia**, foram o resultado do acúmulo de lendas, através dos tempos. Lendas transmitidas oralmente e memorizadas ao longo de séculos até que, supostamente, um grande poeta, Homero, de existência duvidosa, houvesse arrumado todo esse material nos dois grandes poemas, também sem escrevê-los. A tradição escrita da **Ilíada** e da **Odisséia** é bastante tardia, só tendo sido possível por obra dos filólogos helenistas de Alexandria, no Séc. VI a.C., dois ou três séculos após Homero lhes ter dado a versão definitiva, baseado nas narrativas anônimas surgidas

com a guerra de Tróia, provavelmente no Séc.XIII a.C.. Se nos recordarmos de que ambos os poemas possuem 24 cantos cada um e levam horas para ser lidos, parece-nos inadmissível que varassem os séculos apenas pela transmissão oral. No entanto, não há a menor dúvida de que foi assim.

Felizmente, quanto aos livros, não chegaram a confirmar-se os sombrios prognósticos de Tamuz, evocados por Sócrates: ao invés de se constituírem em empecilhos à veiculação do saber, foram os seus grandes dinamizadores, embora a nossa civilização, confiando em demasia na palavra impressa, talvez tenha mesmo mutilado a concepção original do saber como um misto de conhecimento e sabedoria, fruto, esta, da experiência maturada pelo exemplo e sedimentada no tempo pela memória coletiva. A nossa época tem o conhecimento, mas parece faltar-lhe a sabedoria.

O livro pois, veio assumindo um papel insubstituível, mas o advento dos meios audiovisuais de comunicação, especialmente a TV, abalou os fundamentos da **sociedade letrada**, sem o impacto, porém, que esta causou à **sociedade memorizada**. Não obstante os teóricos da comunicação, em dado instante, houvessem colocado em dúvida a própria capacidade de sobrevivência dos veículos impressos como o livro, as revistas e os jornais, diante do avanço da TV, ninguém mais pode duvidar de que eles se encontram outra vez em plena vitalidade, não havendo entre todos esses meios uma concorrência, propriamente, mas sim uma complementação. É habitual que os noticiários compactos e sintéticos da TV estimulem o público a aprofundar suas informações nos jornais ou nas revistas. Esta era a tendência detectada em meados da década de 70 e nada indica que, de lá para cá, houvesse uma reversão de expectativas. Em 1974, Alberto Dines escrevia, respondendo sobre se havia possibilida

de de os jornais sucumbirem:

> Feliz ou infelizmente, apesar da consagração da televisão, os jornais diários crescem vertiginosamente. O jornal diário vive a sua idade do ouro nos EUA e, como os fenômenos não são isolados, o mesmo ocorre no resto do mundo ocidental. Nos últimos três anos, o valor da publicidade em jornais americanos cresceu em 27% sobre 22% na TV. Os diários absorveram em 1970 29,7% da verba de publicidade do país e, em 1973, 30,2%. Nas compras de eletrodomésticos, os consumidores americanos tomaram suas decisões através de anúncios em jornais, numa proporção de 56%, contra 20% em revistas, 14% em TV e 10% no rádio.[6]

Essa capacidade de permanência tem sido confirmada nos anos mais recentes, salvo casos isolados de fechamento de grandes jornais e revistas, ou dificuldades conjunturais enfrentadas em países às voltas com economias em desequilíbrio e recessão, como é o caso do Brasil, mas são fenômenos que se aplicam a todos os segmentos da atividade produtiva, e não apenas aos jornais.

O certo é que a competição da TV não liquidou com os veículos impressos, da mesma forma como não eliminou com o rádio ou com o cinema, ao contrário do que também profetizavam, em décadas ainda recentes, as cassandras da comunicação, acostumadas a raciocinar por exclusão. O fato é que o surgimento da TV foi estimulante, levando o rádio a beneficiar-se, para sobreviver, da tecnologia da FM, com o que pôde revitalizar o seu alcance social, da mesma forma que o cinema sofreu transformações que lhe têm assegurado a permanência.

É que, conforme lembra Alberto Dines, pode-se aplicar à comunicação o princípio do desenvolvimento pendular[7], segundo o qual os veículos, escritos ou audiovisuais, têm atravessado três fases distintas desde a sua criação;

um primeiro momento, de invenção ou aperfeiçoamento, quando ele se dirige a um público seletivo, por ser ainda um meio pouco conhecido; um segundo momento, quando se expande a sua aceitação e ele se torna massificado; e finalmente um terceiro estágio, em que o veículo volta a acomodar-se (ou sofrer alterações tecnológicas, acrescentaríamos), para evitar o desgaste.

Eloqüentemente, estão aí os exemplos do rádio e do cinema, que em face da concorrência da TV tiveram que reorganizar-se em busca de novos públicos, mais restritos, por força das programações em FM ou da produção de filmes de arte para cine-clubes, e que, passado esse estágio de retraimento, novamente buscam agora o grande público, as rádios em FM popularizando a sua programação e os estúdios de cinema partindo para as superproduções que representam investimentos com retorno de milhões de dólares. Poderíamos responsabilizar a concorrência da TV pela opção do cinema para a linha da pornochanchada capaz de atrair grande público, pois é uma alternativa ainda vedada àquele veículo, embora estejamos assistindo ao início, de desdobramentos imprevisíveis, dos circuitos fechados de TV com programação erótica para adultos, em horários especiais, nos grandes centros.

Também o livro volta outra vez a popularizar-se: nunca se produziram e se venderam tantos **best-sellers** no mundo inteiro. Além disso, as editoras compreenderam que não podem manter os livros isolados nas livrarias e passaram a espalhá-los pelas bancas de jornais, farmácias e supermercados, havendo, aqui mesmo no Brasil, editoras que mantêm linhas populares de divulgação da melhor literatura de hoje e de sempre para o grande público. Se é verdade que no Brasil se lê pouco e mal, como em geral se supõe, embora até hoje

não tenhamos estatísticas confiáveis sobre o assunto, é preciso, então, encontrar razões extra-mercadológicas para o êxito dessas linhas editoriais que vêm sendo mantidas sem interrupção há quase duas décadas, por empresas sabidamente sem a menor vocação para a falência. Se editam, é porque há mercado para tais publicações. É indiscutível, porém, que as tiragens são ainda limitadas, tomando-se como base a nossa realidade populacional, e que o público interessado na boa literatura continua diminuto, tudo isto decorrendo de carências culturais, sociais e econômicas suficientemente diagnosticadas, mas não suficientemente combatidas no País.

O avanço tecnológico colocado à disposição dos chamados **mass-media**, ampliando gradualmente o interesse que provocam no público e o seu raio de ação (a impressão em **off-set**, as máquinas eletrônicas que aumentam as tiragens, a rádio em FM, o vídeo-cassete, a televisão em cores) acelera a transformação dos costumes e age sempre com impacto social, criando problemas éticos que estão longe de ser devidamente equacionados e resolvidos. O progresso das técnicas não pode em si mesmo, por exemplo, favorecer a credibilidade dos meios de comunicação. A tecnologia atrai o público, mas não impede que ele eventualmente fique em dúvida quanto à autenticidade ou veracidade do que os veículos lhe oferecem. Os profissionais da imprensa escrita, cujos órgãos são denominados de "quentes" na terminologia de Marshall Mcluhan, porque, entre outros fatores, "não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência", levando os leitores "a um estado de alta saturação de dados", sabem perfeitamente como é freqüente ouvir do público manifestações de desconfiança ou restrições quanto ao presumível "sensacionalismo" com que são noticiados os fatos. No campo da moral, principalmente a sexual, a vigilância é permanente por par

te da sociedade, não sendo isolados os casos de pressão de grupos mais conservadores contra certos programas de TV, estimulando o acionamento dos mecanismos da censura. Volta e meia as autoridades saem dos seus cuidados específicos para anunciar cruzadas contra a pornografia ou a licenciosidade. E não há como negar, enfim, os receios que a sociedade alimenta ante a possibilidade de que esteja sendo manipulada, seja por força dos interesses da máquina publicitária, seja em decorrência de uma estratégia de adesão dos próprios veículos.

Não resta a menor dúvida de que esses receios, por vezes, têm justos fundamentos. A força de penetração dos modernos veículos é cada vez mais aliciadora, e quando, como no caso da TV, eles invadem os lares para transmitir mensagens que podem entrar em conflito com os valores pessoais de cada qual, seria no mínimo um contra-senso recomendar que se desligasse o aparelho como forma de autopreservação. Não é este o caminho viável, como também não o será a recorrência às fórmulas de intimidação e ao obscurantismo inquisitorial.

Sendo indiscutível a liderança que a TV assumiu em relação aos demais meios de comunicação, não surpreende que alguns estudiosos, entusiastas de rótulos, já tenham pretendido denominar os tempos atuais de "era da televisão". Mas o poder desse veículo pode ser analisado por cada cidadão em sua experiência familiar, independentemente de rótulos. No país que já experimentou o maior avanço no que se refere à expansão dos **mass-media**, ou seja, os Estados Unidos, as estatísticas indicavam, em inícios da década de 70, a existência de 671 estações de TV comercial e 169 estações não-comerciais, no total de 840 estações, além — veja-se bem — de mais 190 estações de TV educati

va, ligadas às universidades e ao sistema educacional em geral. Isto contra a existência de 4.235 estações de rádio AM e 1.917 estações comerciais em FM, num total de 7.351 estações transmissoras[9].

Sem que precisemos, no Brasil, render-nos à eloqüência das estatísticas, até porque são precárias, basta que nos lembremos do prestígio popular e do envolvimento emocional causado pela TV para que meçamos, com exatidão, a sua importância também entre nós. Eis aí, sem a menor dúvida, a grande fábrica dos mitos modernos: seu poder de impacto é muito forte sobre as pessoas. Reflitamos, porém, que não estamos diante de um monstro indomável, e o poder desse gigante tecnológico pode ser colocado nos seus justos limites por uma comunidade madura, que não abdique do seu poder de influência e do seu senso crítico.

Em suas sempre estimulantes reflexões sobre o problema das comunicações, o sociólogo canadense Marshall McLuhan lembrou que "a TV é um meio frio. Ela rejeita as personalidades, os assuntos e as pessoas quentes do meio quente da imprensa"[10]. E formulou sobre o passado uma reflexão que nos faz pensar, afirmando que "se a TV já existisse em índice ponderável durante o reinado de Hitler, ele teria desaparecido logo. E se a TV tivesse surgido antes, não teria havido Hitler"[11]. É uma importante observação, se recordarmos que a fulminante ascensão do ditador nazista tem sido atribuída, por sociólogos e historiadores, à habilidade com que seu regime sabia manipular os meios de comunicação, notadamente, à sua época, o rádio. Mas pelo que deduzimos dos comentários de McLuhan, a imagem histriônica e caricata de Hitler, esgrimindo uma mímica frenética e contorsões faciais e corporais que à distância pareciam fascinantes nas grandes aparições públicas, capazes de levar as massas desorien-

tadas ao delírio em seu fervor nacionalista e xenófobo, essa imagem, repetimos, não teria suportado o efeito corrosivo da sua presença no vídeo, onde se revelaria na sua dimensão menor. Não será certamente por acaso que os regimes políticos fechados têm horror à TV. Basta, aliás, uma aparição infeliz ou um debate mal conduzido para que toda a imagem de um político inseguro, despreparado ou demagógico caia por terra; ele poderá até enganar uma ou mais vezes, mas não suportará o convívio freqüente com as câmaras reveladoras e indiscretas.

Em relação à TV, devemos ter o cuidado, em geral negligenciado, de não confundir o veículo em si com a má utilização que os homens fazem dele, da mesma forma que ocorre com a energia nuclear usada para a fabricação de bombas, o sistema de satélites desviado de suas verdadeiras funções para fins de espionagem, a utilização da tecnologia para a agressão ao meio ambiente ou a destruição do próprio homem. Até porque, para além da simples programação comercial, precisamos refletir melhor sobre as possibilidades ainda tão mal exploradas entre nós da TV em sua função cultural e educativa, experiência já em curso em cidades como Manaus, São Luís, Natal, Fortaleza, Recife, São Paulo, Porto Alegre e Rio. Para não falarmos nos projetos ambiciosos de educação em massa com o uso dos satélites artificiais, ou seja, a teleducação, desde 1962 objeto de interesse concreto da UNESCO, através da Resolução 5.112, e sobre cujas implicações publicou o Prof. Luiz Navarro de Brito, em 1981, um livro pioneiro e estimulante[12].

Arma de dois gumes, há todo um vasto potencial positivo nos meios de comunicação de massa que não pode ser desconhecido. É esse potencial que tem que ser ativado, cabendo à sociedade desempenhar um papel participante. Por is-

so mesmo, parece-nos indefensável a posição que a comunidade intelectual e particularmente a universitária, em regra, vêm assumindo em face do problema da TV no Brasil. É comum ouvirmos de intelectuais e professores que "não se interessam por TV", um veículo "menor e alienante", mera "fábrica de evasão e de sonhos, destinada a anestesiar a consciência do povo". Ora, será assim, na medida em que as elites do pensamento se omitam. Fechar os olhos ao poder da TV é um procedimento de avestruz, incompatível com as responsabilidades do intelectual em face do seu tempo e do seu papel transformador.

A TV, além da sua função educacional e sobretudo jornalística relevante, pela simultaneidade com que acompanha os fatos e os transmite ao público (nada mais dramático até hoje registrado pela imprensa do que o assassínio, visto por milhões de pessoas no mundo inteiro, de um jornalista norte-americano por tropas do Governo nicaraguense, em 1980), não pode ser também menosprezada como forma de entretenimento.

Tem sido sistemático nos meios intelectuais o desprezo que se vota, por exemplo, às novelas, como se não estivéssemos diante de uma forma de expressão artística de potencialidades ainda embrionárias, e portanto instigadoras. É raro surgir um mestre ou teórico do nível de um Afrânio Coutinho para ressaltar-lhes a importância, tal como fez o crítico baiano em artigo de jornal em que chancelou o curioso neologismo "videoteratura", ou seja, literatura televisionada, criado por Artur da Távola para designar a telenovela. A propósito da TV, disse Afrânio Coutinho:

> É uma ingenuidade, senão uma vesga tolice, tentar ignorar a televisão na vida contemporânea. Esse é o erro de muitos intelectuais

> que, ainda não convencidos da força desse instrumento fabuloso, torcem o nariz toda vez que nele se fala. E mais, procuram ridicularizar todas as suas atividades, arrolando-as sob a fórmula de consumismo. E mais: negam-lhe qualquer possibilidade cultural ou de atuação no meio cultural.
>
> Ora, isso é um reacionarismo sem classificação. Foi atitude semelhante que pretendeu espremer Galileu à parede e anular a revolução que estava na sua cabeça. Que adiantou? A força da inteligência humana é ilimitada, e não há obstáculos que se lhe possam antepor.
>
> Uma inovação técnica da envergadura da televisão é coisa que não se pode ignorar. Só por burrice ou passadismo empedernido.[13]

Sobre a importância da telenovela em si, acrescentou o crítico:

> Na análise do fenômeno da comunicação e, sobretudo, da telenovela, Artur da Távola propõe uma metodologia bastante significativa e apropriada. A telenovela é um gênero literário novo, misto de ficção, teatro, cinema, difundido para 60 milhões de telespectadores. É um fenômeno brasileiro que já atingiu públicos estrangeiros. A telenovela é um direto herdeiro do folhetim do século XIX, com todas as suas características, mas com muito maior capacidade de penetração graças à televisão. Enquanto o folhetim dependia do jornal e do público alfabetizado, a telenovela alcança uma audiência imensamente superior, e pode ser apreendida por todos os tipos de público, inclusive o analfabeto.[14]

Palavras corajosas, que desafiam prevenções imobilistas. Os impenitentes críticos universitários não deveriam esquecer-se, inclusive, de que os mesmos mecanismos de pressão que se abatem, hoje, sobre a elaboração das novelas, condicionaram o surgimento dos capítulos dos folhetins, aos quais se dedicaram, regularmente, alguns dos maiores escritores universais (Balzac, Dostoiewsky, Dickens, Tolstoi, a

lista é imensa) e brasileiros: toda a literatura nacional do século XIX e princípios do XX girou em torno dos jornais. Wilson Martins, em sua **História da Inteligência Brasileira**, situou a dívida de Alencar para com os folhetins, inclusive o famoso (e já completamente esquecido) **Saint-Clair das Ilhas**, traduzido do francês e "lido milhares de vezes por milhares de leitores do Brasil oitocentista"[15]. Lembremos que o próprio Alencar confessou ter escrito **O Guarani**, aparecido em folhetins, sob influência das repercussões — enormes — que a seriação causava. Seu intuito era o de terminar o romance com a explosão da casa de D.Antônio de Mariz, o fidalgo português pai de Ceci e protetor de Peri. Alterou tal propósito diante das pressões desencadeadas pelas próprias irmãs, optando pelo final que tem estimulado tanto imaginação crítica (o índio e a branca possivelmente casando-se para "gerar" a nossa raça, o que volta a ocorrer em **Iracema**). mas que não era, pelo menos, seu intuito primeiro, e que embelezou ao passar do folhetim para o livro[16]. Formavam-se filas para comprar, em 1857, o **Diário do Rio de Janeiro** narrando as peripécias do índio alencarino, da mesma forma que, nos Estados Unidos, um público impaciente disputava, com avidez crescente, os jornais londrinos que divulgavam romances de Dickens.

Ora, efetivamente, a febre das telenovelas nada mais é do que uma variante, ditada pela realidade social do nosso século e seu progresso tecnológico, da febre dos folhetins do século XIX, correspondendo a uma necessidade de entretenimento que gera novas formas de expressão artística. O fato de que as novelas, em regra, situam-se muito abaixo do nível da arte, não indica uma tendência cristalizada ou irreversível, mas, sobretudo, contingência imposta pela sua minoridade. Sujeitas às deformações ditadas pela hipertro

fia da intriga, pois os capítulos são escritos de acordo com as pressões do público, manifestadas através das pesquisas de opinião, as novelas constituem um gênero menor não por deficiência intrínseca, mas por condicionamentos externos que podem ser modificados, inclusive ante a ação dos intelectuais no exercício da atitude crítica e não do desprezo fácil e alienante. Por maiores que sejam os seus defeitos, elas continuam abertas à possibilidade de questionamento e discussão de temas da vida moderna e dos costumes atuais com grande força persuasiva, como sempre o fizeram os romances, as peças teatrais e os filmes em todas as épocas. Além disso, colocam democraticamente em contacto com o grande público os nomes mais expressivos do teatro nacional, que de outra forma se veriam condenados ao confinamento das salas de espetáculos freqüentadas pelas elites, além de ocuparem o horário das TVs com programação nossa, brasileira, evitando a nociva penetração dos enlatados estrangeiros, que são, amiúde, lazer de má qualidade. Questioná-las é necessário. Desconhecê-las reflete uma atitude negativa, em descompasso com as responsabilidades críticas do intelectual.

Chegará o dia em que os cursos de Letras das universidades brasileiras, pondo de lado prevenções que não dignificam a inclinação aberta e plural do espírito universitário, se dedicarão ao estudo científico das formas modernas da **literatura eletrônica** como legítima continuidade de um discurso ficcional que, no Ocidente, começa com a "Ilíada, de Homero?

Sabido como é, conforme já lembrava Jakobson, que as várias linguagens, objeto da Teoria Geral dos Signos, possuem traços comuns ou pansemióticos, não seria plausível analisar as vinculações da linguagem da TV com a linguagem da ficção verbal, considerando-se que a **literatura eletróni**

ca parte previamente de um texto escrito (como o teatro, o cinema, a ópera) para realizar-se, afinal, no vídeo, como imagem?

Numa época em que a Teoria da Comunicação fecunda com tanta intensidade a Teoria da Literatura e a própria Linguística[17], não seria procedimento crítico coerente o debate, entre professores e alunos de Letras, dos produtos culturais veiculados pelos "mass-media"?

É possível, em suma, uma linguagem de TV construída em harmonia com as fontes literárias ou, pelo contrário, registra-se uma incompatibilidade intrínseca entre a TV e o texto, pela diversidade irredutível dos códigos que manipulam? Haverá uma linguagem específica da TV como há o denominado "específico fílmico"?

Seria inviável realizar telenovelas ou seriados de nível artístico elevado, a partir de textos, por exemplo, de Clarice Lispector ou Guimarães Rosa, dois produtores de linguagem tão especificamente aderente ao literário?

Por que têm fracassado, de um modo geral, os romances brasileiros adaptados à TV, enquanto bons filmes são produzidos a partir deles? O problema estaria ligado às exigências do receptor ou a linguagem da TV inviabilizaria,por si mesma, a idéia de qualidade artística?

Responder a estas perguntas — dentre tantas outras que nos escapam — não é tarefa apenas para comunicadores. Lembremos, inclusive, que Jakobson atribuía à própria Poética objetivos de bem mais amplo espectro do que o simples questionamento da literatura verbalizada, tal como lemos nesta lúcida passagem:

> É evidente que muitos dos procedimentos estudados pela Poética não se confinam à arte verbal. Podemos reportar-nos à possibilidade

> de converter **O Morro dos Ventos Uivantes** em filme, as lendas medievais em afrescos e miniaturas, ou **L'après-midi d'un faune** em música, balé ou arte gráfica. Por mais irrisória que possa parecer a idéia da **Ilíada** e da **Odisséia** transformadas em histórias em quadrinhos, certos traços estruturais do seu enredo são preservados, malgrado o desaparecimento da sua configuração verbal. O fato de discutir-se se as ilustrações de Blake para a **Divina Comédia** são ou não adequadas, é prova de que as diferentes artes são comparáveis.Os problemas do barroco ou de qualquer outro estilo histórico desbordam do quadro de uma única arte.
>
> Ao haver-nos com a metáfora surrealista, dificilmente poderíamos deixar de parte os quadros de Max Ernst ou os filmes de Buñuel, **O Cão Andaluz** e a **Idade de Ouro**. Em suma, numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, vale dizer, à Semiótica geral.Esta afirmativa, contudo, é válida tanto para a arte verbal como para todas as variedades da linguagem, de vez que a linguagem compartilha muitas propriedades com outros sistemas de signos ou mesmo com todos eles (traços pansamióticos).[18]

Questões dessa natureza, que são colocadas com freqüência em relação a vários discursos, por um incompreensível tabu têm excluído a linguagem da TV. No entanto, os caminhos estão virgens e precisam ser desbravados. Longe de intuitos de futurologia, mas com base em tendências concretas, é preciso ter em conta que as formas de comunicação visual como a TV tendem a ganhar cada vez mais espaços na vida moderna, sendo possível imaginar a amplitude e a força do seu prestígio no Séc.XXI, já augurado por mecanismos tecnológicos novos e tão expressivos como o sistema de TV por cabo, que permite aos telespectadores selecionarem os seus próprios programas.

Se não queremos ser meros "teledependentes", na

quilo em que este arguto neologismo em boa hora criado por Erausquin, Matila e Vázquez[19] delineia de desoladora passividade e submissão diante do vídeo todo-poderoso, devemos aprender a trazer também para o âmbito da Universidade, da forma mais ampla possível, o debate que é próprio do seu espírito e que abre caminho para o enriquecimento da comunidade como um todo.

Mal ou bem, os cursos de Comunicação já vêm procurando aquilatar a real repercussão social dos modernos veículos de massa, mas estes não são apenas instrumentos de jornalismo porque também lidam com lazer, e embora embrionariamente, buscam sair da simples esfera do entretenimento para o plano das realizações artísticas mais ambiciosas. Neste particular, é impossível deixar de assinalar o avanço que a narrativa de ficção eletrônica já exibe, hoje, em certos momentos, em relação às formas primitivas das telenovelas, antes concebidas dentro da tradição do melodrama piegas da linha argentino-cubana-mexicana[20]. Há um salto qualitativo evidente, um nítido processo de evolução da telenovela brasileira, embora nem sempre se desenvolva em linha reta, mas já claramente perceptível para justificar uma atitude crítica mais conseqüente por parte da comunidade de Letras, tão encastelada ainda numa visão elitizada ou aristocrática do saber, mesmo quando proclama a sua vocação popular — ou populista.

Esta será a verdadeira conduta crítica a observar, despida dos preconceitos (tão combatidos mas tão cultivados) e dos vetos autoritários que exilam do campo do conhecimento o estudo e a pesquisa de novas realidades em processo de formação ou desenvolvimento.

No caso, inclusive, intelectuais em geral e professores de Letras precisam mostrar de forma inequívoca que

não estão, como os antigos filósofos da sociedade memorizada, assumindo apenas o papel de sacerdotes ou guardiães das conquistas da **sociedade letrada**, por puro temor não confessado dos incontornáveis avanços da **civilização da imagem**.

Afinal, os sacerdotes procuram sempre justificativas para manter o privilégio de zelar pelo fogo sagrado, mas como não há religião sem fiéis, é preciso que se acautelem contra a possibilidade de que acabem pregando sozinhos numa sociedade que vê aumentar sempre, e muito significativamente, o número de seguidores (não raro fanáticos) do cada vez mais poderoso e abrangente credo eletrônico. E mais inteligente é, numa manobra de envolvimento, colocá-lo a serviço do livro e da literatura, o que não se obterá com a simples atitude de repúdio obstinado ou negação passional.

ABSTRACT

In this work the author, who is professor of Brazilian Literature at the Federal University of Bahia, analyses the power of modern means of social communication, specially television, and questions about some problems which arise in the transition of the society of letters to the civilization of image. Claiming for a critical attitude of participation on the part of the university community in relation to TV, instead of the mere position of negation or exasperate refusal which the author considers as the result of prejudices, incompatible with the open mind that should inspire the acting of the university, he studies, at the end, the power of the tele-novels, a typical creation of the Brazilian TV. Considering them as legitime heires

ses of a narrative tradition which begins in the occiden tal world with the **Ilíada** of Homer, the author defines the tele-novels as **electronic literature**. Ausceptible to im prove their quality through the improvement imposed by a critical attitude of vigilance and participation of schol ars and professors.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 PFROMM NETTO, Samuel. *Comunicação de massa*; contribui ção para o estudo da psicologia da comunicação de mas sa. São Paulo, Pioneira, Editora da USP, 1972, p.15.
2 Idem, ibidem.
3 Ibidem.
4 BURBAGE, R., CAZEMANJOU, J., KASPI, A. *Os meios de co municação nos Estados Unidos*: imprensa, rádio, televi são. Rio, Agir, 1973, p.39.
5 PLATÃO, *Diálogos. Mênon, Banquete, Fedro*. Rio, Tecno print, s/d., p.262.
6 DINES, Alberto. *O papel do jornal*; tendências da comu nicação e do jornalismo no mundo em crise. Rio, Arteno va, 1974, p.23. No livro citado na nota 4, Burbage, Ca zemanjou e Kaspi escrevem o seguinte, p.35: "O america no tornou-se um grande leitor de jornais ou de periódi cos. A concorrência do rádio e a da televisão modifica ram seu comportamento quanto à necessidade de ser in formado, não impediu, todavia, aos jornais, que aumen tassem sua tiragem global — e isto, malgrado o movi mento de concentração que se efetivou há cerca de ses senta anos. (...) a imprensa é elemento fundamental da civilização dos Estados Unidos". O livro informa tam bém que se vendem nos EUA 31 jornais diariamente para 100 norte-americanos, "o que representa na verdade um apetite de leitura relativamente modesto, e coloca os Estados Unidos no sétimo lugar, depois da Grã-Bretanha, da Suécia, do Luxemburgo, do Japão e da Suíça, à fren te da França e da União Soviética". (idem, p.36).
7 DINES, Alberto, op.cit., p.29.
8 MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como exten sões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974, p.38. McLuhan explica: "Há um princípio básico pelo qual se pode dis tinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de

um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aque le que prolonga um único de nossos sentidos e em "alta definição". Alta definição se refere a um estado de al ta saturação de dados. (...) De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou com pletada pela audiência. (...) Um meio quente permite menos participação do que um frio: uma conferência en volve menos do que um seminário, um livro menos do que um diálogo. (...) A forma quente exclui e a forma fria inclui". (p.38-9).
9 BURBAGE, CAZEMANJOU e KASPI, op.cit., p.290-1.
10 MCLUHAN, Marshall, op.cit., p.336.
11 Idem, ibidem.
12 BRITO, Luiz Navarro de. *Teleducação*: o uso de satéli tes:política, poder, direito. São Paulo, T.A. Queiroz, Editor/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981. Na página 23, escreve o autor, situando as controvérsias provocadas pela teleducação: "Talvez a dificuldade mai or na avaliação do papel da teleducação e dos satéli tes artificiais resulte da falta de um conhecimento exato de suas possibilidades latentes e daquelas já ex perimentadas. Esta lacuna tanto provoca a existência de apologistas irredutíveis, que acreditam no milagre educativo dos satélites, como a dos agnósticos rebel des, que equiparam o emprego de tecnologias avançadas no ensino a um mero exercício de ficção científica. En tre estes extremos alimentam-se as polêmicas e as pos turas".
13 COUTINHO, Afrânio. *Videoteratura*. *"A Tarde"*, Salvador, 14 de maio de 1981, p.5.
14 Ibidem.
15 MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. SP, Cultrix/EDUSP, 1977, Vol.III, p.62.
16 A alteração feita por Alencar no final de "O Guarani", cedendo a pedidos de suas irmãs, é revelada por Arari pe Júnior no seu *Perfil Literário de José de Alencar*. Cf. edição da José Olympio e da Academia Cearense de Letras, Rio de Janeiro, 1980, p.160.
17 "De fato, os linguistas têm muito a aprender da teoria da comunicação". Cf. JAKOBSON, Roman. *Linguística e Co municação*. São Paulo, Cultrix, 1974, p.23.
18 Ibidem, p.119.
19 Cf. ERAUSQUIN, M.Alfonso, MATILLA, Luís e VÁSQUEZ, Mi guel. *Os Teledependentes*. São Paulo, Summus Editorial, 1983. Os autores estudam com gravidade e preocupação os problemas gerados pela TV na Espanha, a partir da consciência plena da força desse veículo: "A opção abo

licionista, que se inclina pelo abandono da TV, ou por sua utilização em casos concretos e excepcionais, é viável, mas unicamente em nível individual. Sociológica, comercial e politicamente a televisão adquiriu um desenvolvimento e um poder que torna inviável, impossível, sua erradicação" — afirmam na p.22. A análise — à qual não escapa inclusive um capítulo sobre "Imagem versus Literatura" (p.111) — leva em geral a conclusões pessimistas.

20 A produção das telenovelas no Brasil, suas origens e vários outros aspectos ligados à sua existência começam a aparecer timidamente em livros. Cf. FERNANDES, Ismael. *Memória da Telenovela Brasileira*. São Paulo, Proposta Editorial, 1982. O autor estuda os vários períodos da telenovela no Brasil, lembrando que sua origem não é nacional, mas sim argentina (p.12). No prefácio, Walter Durst intitula curiosamente as novelas de "óperas de sabão". O livro relaciona todas as telenovelas já produzidas no País desde 1963, data oficial do seu aparecimento.

OBSERVAÇÃO: Este ensaio já se encontrava pronto e entregue ao editor, quando o poeta Décio Pignatari lançou o livro **Signagem da Televisão** (Rio, Brasiliense, 1984). Trata-se de uma série de artigos publicados anteriormente em jornal, questionando a TV brasileira (inclusive as telenovelas) de maneira aberta e inteligente, sem os preconceitos tão freqüentes aqui apontados. Uma significativa contribuição ao estudo da TV no Brasil.

O AUTO-SEGMENTO TONAL EM PORTUGUÊS

Claiz Passos
Maria Emiliana Passos

R E S U M O

Este estudo propõe, conforme os postulados da teoria auto-segmental, um padrão neutro de entoação das palavras em português e interpreta o abaixamento vocálico pretônico do falar baiano como uma idiossincrasia daquele padrão.

Em uma observação assistemática do português da Bahia, a abertura das vogais médias, em sílabas pretônicas, destaca-se entre as demais peculiaridades do falar baiano. O falante desse dialeto é imediatamente identificado, nas demais regiões do país, pela singularidade de abertura das vogais. Além disso, tanto na linguagem do teatro como na da televisão, em programas e peças geralmente dirigidos e produzidos por falantes de outros dialetos, há um uso exagerado dessa abertura quando se pretende personificar o baiano. Essa caracterização, por sua vez, traz inerente a si mesma uma marca negativa de prestígio que decorre da situação sócio-econômica da região. A abertura, pois, participa da gramática como processo variável com marca social de valor negativo que o estigmatiza.

O abaixamento da vogal pretônica no português da Bahia constitui o tema de investigação desse estudo, com o objetivo de responder às seguintes indagações:

a) como funciona um processo de fortalecimento como a abertura em sílaba átona?

b) quais os condicionadores do processo?

Na tentativa de encontrar resposta para os questionamentos acima, foi preparada uma amostra gravada a partir da aplicação de um questionário, conforme metodologia sociolingüística, proposta por William Labov (1977). A teoria fonológica auto-segmental de John A.Goldsmith (1976),por sua vez, fundamenta as pressuposições teóricas.

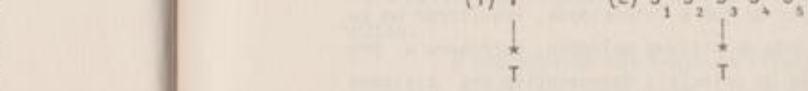
Inicialmente, este estudo procurou detectar os condicionadores lingüísticos e extra-lingüísticos que poderiam interferir na atuação desse processo. O abaixamento, no entanto, não demonstrou atuar em determinados ambientes lingüísticos, sendo, pois, livre de restrições ambientais. No que se refere aos condicionadores extra-lingüísticos, o processo caracteriza a fala de uma região e sofre restrições de uso pela marca negativa de prestígio, identificadora dessa região. A vogal aberta, por sua vez, requer maior tempo na enunciação da sílaba[1], aumentando a sua percepção,indicador de processo de fala lenta, cuidada e, conseqüentemente, localizada na porção mais formal de velocidade da fala[2]. Nos testes aplicados, porém, a hipótese acima não foi confirmada, denotando que a freqüência da abertura vocálica não é proporcional ao grau de formalidade da fala.

A ausência de constatação da influência dos fatores descritos acima, fez com que fosse estudada a relação entre ritmo e abaixamento, desde que a abertura vocálica parece provocar mudanças significativas no ritmo, traduzidas pela excentricidade do sotaque baiano.

Goldsmith (1976) questiona a validade do modelo gerativo de Chomsky & Halle (1968) para interpretar a organização dos supra-segmentais. Essa limitação, afirma Goldsmith, evidencia-se principalmente no caso da ocorrência de

tons complexos em sílabas breves. O comportamento idiossincrático de vogal breve contendo tons compostos decorre, no entanto, da integração do tom ao feixe de traços que compõe os segmentos consonântico e vocálico. Goldsmith observa ainda que essa irregularidade desaparece ao considerar-se o tom como segmento de uma camada paralela e independente, que coocorre com outras camadas da cadeia fônica, formadas de auto-segmentos. Desse modo, o nível fonológico se organiza em camadas isoladas de segmentos que, relacionando-se através de regras de associação melódica, produzem a cadeia fônica. Essas camadas independentes, porém, podem diferir em tipo e número nos vários sistemas lingüísticos. Assim, a nasalização, por exemplo, pode ser um traço segmental em uma língua, como no inglês, e constituir uma camada auto-segmental em outra, como no guarani[3].

A curva melódica das línguas resulta da associação da camada tonal com a silábica, realizada conforme regras universais de boa formação[4]. Os padrões de organização da camada tonal e o modo de associação dessa camada com a silábica distinguem as línguas de ritmo tonal daquelas de ritmo acentual. As línguas com acento de intensidade associam a camada de tons à silábica através de um ou mais marcadores abstratos, presentes em ambas as camadas. Para o inglês, por exemplo, Goldsmith associa o tom com marca abstrata à sílaba tônica que contém a mesma marca. As línguas de acento de intensidade possuem a seguinte regra de associação melódica (1) que associa ambas as camadas (2)[5]:



No que se refere às línguas tonais, cada tom é associado a uma vogal, de acordo com regras específicas de associação melódica, que não exigem a presença de marcadores abstratos em qualquer camada. Em ambos os tipos de língua, há um padrão tonal, associado tanto a uma série fônica com limite de palavra como a uma série fônica com limite de frase.

As línguas acentuais, no entanto, divergem quanto ao ritmo, podendo apresentar um ritmo silábico ou um ritmo acentual[6]. Essa distinção de ritmo deve resultar em diferentes padrões estruturais do nível supra-segmental das línguas. As línguas de acento de intensidade se distinguem das línguas tonais, segundo Goldsmith, pelo processo de associação melódica[7].

Este estudo, fundamentando-se na variação de número de marcadores abstratos, considera que o ritmo silábico, por não depender somente da sílaba de maior intensidade, pode incluir mais de uma marca abstrata, associando as camadas silábica e tonal. O maior número de marcas aumenta a complexidade estrutural do padrão melódico. A teoria auto-segmental admite que, quando o tom constitui uma camada auto-segmental, a camada melódica distingue as línguas tonal e acentual exclusivamente pelo processo de associação entre tom e sílaba. Assim, a unidade primitiva da curva melódica é o tom, que sempre está presente nos sistemas lingüísticos. Nas línguas tonais, porém, a curva melódica da palavra compõe-se da própria altura e, nas línguas acentuais, a altura confunde-se com a intensidade.

Essa fusão de tom e intensidade, resultando em aumento de complexidade do sistema melódico, corrobora a proposta de formulação do princípio degenerativo dos sistemas acentuais, proposto por Angenot (1977) e confirmado por Fer-

reira Gomes (1979). As línguas semi-tonais, segundo a autora acima, apresentam um grau maior de degeneração prosódica em comparação às línguas tonais, no sentido de que se afastam mais do componente universal[8]. Os dados observados levam a considerar que também as línguas acentuais mantêm essa mesma hierarquia de degeneração, uma vez que uma língua de ritmo silábico, por ter o ritmo determinado por outras sílabas além da tônica, apresenta-se mais degenerada que uma língua de ritmo acentual. Conseqüentemente, as línguas de ritmo silábico reúnem processos de associação melódica característica tanto das línguas tonais quanto acentuais.

A enunciação de palavras isoladas do português traduz uma regularidade no nível melódico que consiste da realização de tom alto em sílaba inicial e de tom médio em sílaba de acento primário[9]. A constatação de um padrão regular de tons que se espalham por todas as sílabas da palavra, confirma a ocorrência de um auto-segmento tonal do português. Os tons com marca abstrata prendem-se às sílabas também marcadas. As regras de associação melódica, as regras de boa formação e as regras específicas da gramática ligam as duas camadas e geram a estrutura prosódica da palavra. As regularidades tonais identificadas justificam um padrão tonal neutro do português, que consiste de $A\hat{A}B$. Uma regra de associação do português liga o tom **A** à primeira sílaba e o tom marcado, à sílaba acentuada. O processo de associação da camada tonal do português inclui características de línguas tonais — ao ligar um tom alto à primeira sílaba da palavra —, e de línguas acentuais — ao possuir tons com marcas abstratas.

A presença de tom médio em sílaba tônica decorre de um enfraquecimento do tom alto da sílaba de maior intensidade. Através de regras de propagação, esse tom alto en-

fraquecido estende-se às sílabas pretônicas. A degeneração do tom alto da sílaba tônica fundamenta a proposta de que o ritmo silábico não é determinado exclusivamente pela sílaba de maior intensidade, uma vez que outras sílabas interferem nesse ritmo por estarem associadas a tons mais altos que o da própria sílaba tônica. O tom médio da sílaba de maior intensidade decorre do tom postônico que se propaga através da atuação de uma regra prosódica específica do português, em direção à sílaba tônica, formando um tom complexo — combinação de alto subjacente e de baixo propagado —, que se simplifica em médio.

O processo de assimilação, decorrente da fusão de tons vizinhos, conforma-se com a notação auto-segmental que prevê que um tom, já associado a uma vogal à direita, poderá associar-se a uma vogal à esquerda, modificando o tom dessa última[10]. No português, essa assimilação, no entanto, é bloqueada nos casos em que modifica o tom da sílaba inicial da palavra. Além disso, o processo de propagação em português só se faz da direita para a esquerda.

A atuação do processo de abaixamento nas sílabas pretônicas do português da Bahia acarreta uma modificação do padrão melódico neutro da palavra, proposto acima. A vogal aberta, por exigir um tempo mais longo para sua enunciação, aumenta o grau de força da emissão, tornando a sílaba mais percebida e o ritmo mais silábico. Abaurre-Gnerre(1978) constata uma variação dialetal de padrões rítmicos no português do Brasil e observa que:

> Os dialetos gaúcho e baiano, por exemplo, nos parecem, impressionisticamente falando,de ritmo bem mais silábico do que os dialetos paulista ou carioca, mesmo nos estilos mais formais.[11]

A autora acima considera ainda que línguas de ritmos silábico e acentual integram um contínuo de variação rítmico-estilística e localizam-se nos extremos opostos desse contínuo. A variação estilística, pois, implica em oscilações de ritmo, fazendo com que no estilo formal, ambos os tipos de língua aumentem o grau de característica silábica e, no estilo coloquial, o grau de característica acentual. Abaurre-Gnerre declara que:

> Por hipótese, então, não haveria nenhuma língua de ritmo absolutamente silábico ou acentual em nenhum estilo, já que nos atos de fala reais nenhum enunciado se caracteriza pela manutenção de intervalos de tempo efetivamente idênticos entre todas as sílabas ou entre as sílabas acentuadas.[12]

A literatura pertinente confirma o que ficou observado nos dados linguísticos de que o abaixamento intensifica a sonoridade da vogal, conferindo-lhe maior saliência prosódica. A vogal pretônica aberta fortalece o ritmo silábico, destacando o processo de silabificação que, por sua vez, decresce a velocidade da fala. É exatamente uma fala lenta, pausada, que marca o sotaque baiano.

As evidências apresentadas acima levam a concluir que o processo de abaixamento vocálico, funcionando como indicador de tendências rítmicas de um dialeto mais silábico, altera o padrão melódico neutro, presente no auto-segmento tonal do sistema. Apesar do acento de intensidade do vocábulo manter-se inalterável, as sílabas abertas, que o precedem, sobressaem-se em altura e duração.

As vogais pretônicas, quando abertas, interferem na curva melódica através de marcas abstratas associadas a tons altos, também marcados. Assim, o padrão tonal mantém-se $A\overset{*}{A}B$, acrescido de tantos tons $\overset{*}{A}$ quantas forem as vogais abertas pretônicas, i.e., $A(\overset{*}{A})^{n}\ \overset{*}{A}B$. Esses tons marcados aumentam o grau de silabicidade do ritmo, uma vez que são várias

as sílabas que passam a apresentar destaque rítmico. Essa hipótese proposta apóia-se ainda em Abaurre-Gnerre (1978), ao considerar que:

> Observa-se que vogais pretônicas harmonizadas apresentam maior saliência prosódica, a ponto de, em certos casos como [pɛrɛrɛka], ser difícil afirmar que a intensidade da sílaba tônica é maior do que a intensidade das 2 pretônicas.[13]

O sistema melódico dos vocábulos do português com qualquer número de sílabas e com qualquer padrão de intensidade é, assim, derivado:

PADRÃO NEUTRO — PADRÃO MODIFICADO

1) sim

A Á B

a) Regra de associação melódica (R.A.M.)

b) Regra de boa formação (R.B.F.)

c) Regra de simplificação tonal (R.S.T.)

2) feliz [felis] — 2. feliz [felis]

A Á B — A Á Á B

PADRÃO NEUTRO — PADRÃO MODIFICADO

a) R.A.M.

b) R.B.F.

c) R.S.T.

3) casa

A Á B

a) R.A.M.

b) R.B.F.

c) R.S.T.

4) cérebro

A Á B

PADRÃO NEUTRO

a) R.A.M.

b) R.B.F.

c) R.S.T.

5) tecido [tesidu]

A A B

a) R.A.M.

b) R.B.F.

c) Regra de Propagação do Tom Baixo (R.P.T.B.)

d) R.S.T.

PADRÃO MODIFICADO

5) tecido [tesidu]

A A A B

PADRÃO NEUTRO

6) regular [hegul h]

A A B

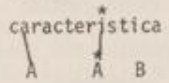
a) R.A.M.

b) R.B.F.

c) R.S.T.

característica [karakterístika]

a) R.A.M.



b) R.B.F.

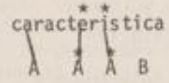
c) R.P.T.B.

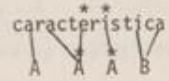
PADRÃO MODIFICADO

6) regular [hegulah]

A A A B

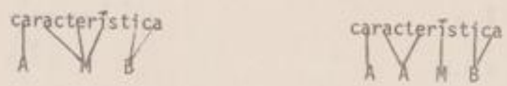
característica [karactéristika]





PADRÃO NEUTRO | PADRÃO MODIFICADO

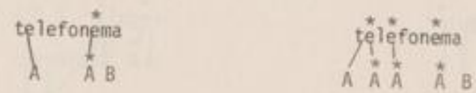
d) R.S.T.



8) telefonema [telefõnẽmɑ] — telefonema [tɛlɛfõnẽmɑ]

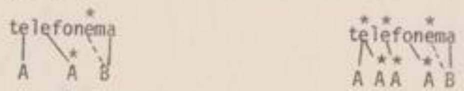
A A* B — A A* A* A* B

a) R.A.M.



b) R.B.F.

c) R.P.T.B.

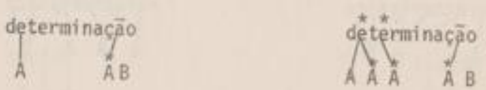


d) R.S.T.

9) determinação [detexminɑsãw] — determinação [dɛtɛhminɑsãw]

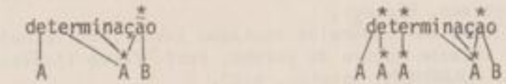
A A* B — A A* A* A* B

a) R.A.M.



PADRÃO NEUTRO | PADRÃO MODIFICADO

b) R.B.F.



c) R.S.T.

A B S T R A C T

Based on the principles of the auto-segmental phonological theory, this study proposes a neutral intonation pattern of the Portuguese words and interprets the lowering of the pre-stressed syllabe vowel in the regional dialect of Bahia as an idiosyncrasy of that pattern.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Cf. ABAURRE GNERRE, Maria Bernadete. *Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português no Brasil.* São Paulo, UNICAMP, 1978. Mimeogr.

2 Cf. PASSOS, Claiz/PASSOS, Ma.Emiliana/ARAÚJO, Sumaia Sahade. *Implicações teóricas do levantamento pretônico do português.* Comunicação apresentada no ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, V, Rio de Janeiro, PUC, nov.1980.

3 Cf. GOLDSMITH, John A. *Autosegmental phonolgy.* Blomington, Indiana, I.U.L.C., 1976, p.5.

4 As regras de boa transformação:
1) Todas as vogais são associadas a pelo menos um tom; todos os tons são associados a pelo menos uma vogal.Cf. GOLDSMITH, op. cit., p.27.
2) As linhas de associação melódica não se cruzam.

5 Ibid., p.117.

6 Cf. ABAURRE GNERRE, op.cit., p.3-4.

7 Cf. GOLDSMITH, op.cit., p.117.

8 Cf. FERREIRA GOMES, Ma. Antonieta C. *O princípio de hierarquização tonal: constatações empíricas em Nambiquara e Mamaindê*. Salvador, UFBA, 1979. Dissertação de Mestrado. Mimeogr.

9 Os tons dos vocábulos testados foram identificados por um falante nativo de yoruba, Prof. Taiwo Ijaola.

10 Cf. GOLDSMITH, op.cit., p.25.

11 Cf. ABAURRE GNERRE, op.cit.,p.10.

12 Ibid., p.5

13 Ibid., p.5, nota 2.

14 Uma sílaba entre dois tons estrelados é associada ao tom da direita, de acordo com a direção de associação específica da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

. ABAURRE GNERRE, Maria Bernadete. 1978. "Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil". UNICAMP, São Paulo (mimeografado).

. ANGENOT, Jean-Pierre. "Subespecificação e tonologia gerativa natural". Comunicação apresentada no II Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, outubro/1977.

. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. 1977. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

. FERREIRA GOMES, Ma. Antonieta C. "O princípio de hierarquização tonal: constatações empíricas em Nambiquara e Mamaindê". Salvador, UFBA, Bahia, julho, 1979. Dissertação de Mestrado.

. GOLDSMITH, John A. 1976. *Autosegmental Phonology*. IULC Bloomington, Indiana.

. LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, Pennsylvania.

. PASSOS, Claiz & PASSOS, Ma. Emiliana & ARAÚJO, Sumaia Sahade. "Implicações teóricas do levantamento pretônico do português". Comunicação apresentada no V Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro,novembro/1980.

. _____. A velocidade como fator de variação linguística, *Universitas*, nº 28: 29-46: set.-dez./81.

LIÇÕES DE ROMANCE*

David Salles

R E S U M O

O Autor aponta, no presente ensaio, a existência de uma crise no romance brasileiro atual (de fins da década passada e primeiros anos da presente) e assinala, em seguida, ser essa crise não do romance em geral, mas específica, do romance brasileiro.

Avaliando o romance latino-americano contemporâneo como possuidor de grande vitalidade inovadora, indica **A Guerra do Fim do Mundo** (1981), de Mario Vargas Llosa, e **Crônica de uma Morte Anunciada** (1981), de Gabriel García Márquez, como exemplos dessa vitalidade e argumenta sobre os motivos por que as qualidades estéticas e contextuais das duas narrativas constituem lições de romance para o romance brasileiro. Por último, espera que essas lições sirvam para o Brasil como um jogo dialético entre a forma estética e o real.

I

Distenda-se a visão, retrospectivamente, sobre aquilo que se editou, na área do romance brasileiro, em 1981 e 1982. Não chega a ser estimulante. Fácil será apontar cinco ou seis títulos mais destacáveis, como **Em Liberdade**, de Silviano Santiago[1], ou **Não Verás País Nenhum**, de Ignácio de Loyola[2]. Fácil será também argumentar sobre os méritos des-

ta ou daquela ficção de mais fôlego, como **O Menino no Espelho**, de Fernando Sabino[3]. Mas, no apurar da rede, acabará restando apenas um — **Sempreviva**, de Antônio Callado[4] — para ser considerado o último romance realmente instigante aparecido no Brasil, de autor brasileiro. É do começo de 1981, mais de dois anos atrás, portanto.

Crise do romance — ou crise do romance brasileiro? Falta de novos caminhos — ou desgaste dos modelos reelaborados no Brasil?

Avalio que a questão esteja situada mais na segunda que na primeira parte desses dois pares de alternativas. Não é de hoje, bem se sabe, que se fala em crise no gênero: desde **Ulisses** (1922), de James Joyce, divulga-se a morte do romance[5]. Embora ele continue vivo; e pretendo argumentar, adiante, sobre dois exemplos de recusa a um necrológio para a forma romanesca, exemplos de bem perto, do romance latino-americano. Pode-se, pois, optar pela proposição de existência de uma crise não geral, mas do romance brasileiro. Não obstante, se alguém entender por falta de novos caminhos a carência permanente de ficcionistas de alto poder criador, capazes de desvendar novas sendas — recriadoras de sua realidade e de seu tempo —, então salta à evidência a exaustão dos modelos romanescos vigentes ou predominantes no Brasil.

A bem da verdade, anote-se que esta última observação não é um juízo de valor. São os próprios textos ficcionais brasileiros da passada e da presente década que fazem ficar à vista o desgaste dos modelos de que se valem.

Não é mais o caso de mencionar a superação do modelo neo-naturalista que fez as glórias do Romance de 30. Jorge Amado e Érico Veríssimo renegaram seu próprio modelo

a partir dos anos 50, para não mencionar a emergência de João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, especialmente esta última, indisfarçável esteira para uma porção de novos ficcionistas nos anos 60, 70 e, ainda, 80. Pode-se comprovar como a retórica da auto-contemplação proliferou até o limite da obsessão, buscando ir além de Lispector e tentando inovar diretamente a forma narrativa por meio de um discurso explicitamente introjetado. Nesta variante (ou desdobramento), em postura metanarrativa incessante, as vísceras do ato criador apareceram como andaimes à mostra em edifícios em construção ou inconclusos[6].

Cabe recordar, de passagem, que a função metanarrativa[7] tem sido instrumentada no romance brasileiro desde Machado de Assis (sobretudo a partir de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, 1881), mais tarde também por Mário de Andrade (**Amar, Verbo Intransitivo**, 1927) e Graciliano Ramos (**São Bernardo**, 1934). Mas, em anos recentes, numa fixação sintomática no estilhaçamento espacial e no descentramento do eu, essa função serviu ao **autor** (via de regra, também **narrador** e **personagem**) para discutir com o leitor (**virtual**), às escâncaras, a arquitetura do romance, os rumos do(s) personagen(s), a adequação do discurso narrativo, ou os valores postos em questão na trama. Um prejuízo emergiu: foram ficando obscurecidas uma boa história (ou uma boa estória), a função romanesca de transposição de tensões e a proposição metafórica ou metonímica de questões do mundo **por meio da ação**. Foi como se, no virtuosismo formal de algumas das soluções romanescas postas em letra de fôrma, as indagações vitais do ser humano ficassem apenas para o jornal cotidiano, como naquela questão essencial da poesia, presente num metapoema de Ferreira Gullar: "E a poesia / vai à esquina com

prar jornal"[8]

Tais romances de postura metanarrativa têm tido em comum com outros, na tradição joyceana, o descentramento do eu-existencial dos protagonistas em relação à sociedade burguesa contemporânea. Pelo discurso indireto livre, ou pelo monólogo interior (o "fluxo da consciência", pela multifacetação do ponto de vista, ou pela diversificação das vozes narrativas, ou dos tempos narrativos, inúmeros ficcionistas têm proposto a morte da sociedade burguesa — que, sem redundância, é a sociedade urbana das grandes cidades —, num país de tempos culturais desencontrados.

Ora, aí está uma falácia. No Brasil que presencia a exposição diária (via televisão) desses "tempos culturais díspares"[9], historicamente descompassados ou dessincrônicos — tantas décadas depois de **A Montanha Mágica**, de Thomas Mann, ou de **Metamorfose**, de Franz Kafka — o centro da questão (da **nossa** questão) que se projeta não é mais a decadência ou a morte da sociedade burguesa, mas de sua transformação. Mesmo porque o problema brasileiro não é uma formulação de morte. Até na Europa, com sua exaustão cultural, o estilhaçamento da realidade ou o descentramento do eu (e sua representação no romance) já produziu as obras-primas que havia de produzir, inclusive o **replay** do kafkiano Gregor já transitou nas centopéias de Alan Robbe-Grillet. Ou tudo isso já foi dito e feito no Brasil — e o foi pelo romance intimista ou "psicológico" —, ou precisa ser recontado de maneira(s) nova(s) que não pela mimese do real **tout-court** do "realismo socialista" ou do "realismo burguês", ou pelo estilhaçamento freudiano do ser.

II

No romance latino-americano contemporâneo é que,

paradoxalmente, surgem caminhos para o romance da América Latina, inclusive do Brasil, em sendo um país latino-americano e periférico, não é mesmo? Esses caminhos tiveram origens ideológicas e ampliaram-se no que, a esta altura, constitui um ousado processo de identificação estética — o reconhecimento de torna-viagem. Ou seja, ele se afirmou e cresceu depois de reconhecido na Europa e nos Estados Unidos, os centros dominantes de produção cultural neste século. Não há dúvida que o romance latino-americano tem lições de romance a oferecer, ao brasileiro também. Mas atenção: não se quer dizer que se pretenda a cópia de seus modelos e soluções, como o fizemos, longo tempo, com os modelos romanescos anteriormente advindos dos referidos centros de produção cultural. Trata-se de buscar-lhe as lições e transubstanciá-las e ajustá-las à realidade brasileira, naquilo que nossa realidade cultural, histórica e simbólica tem de similar e simultaneamente de diversas das demais realidades latino-americanas, independentemente de serem lusófona, hispanófona ou francófona.

Certo é que, com enorme talento estético e surpreendente imanência crítica, o romance latino-americano tem demonstrado já não servir, ao **nosso** contexto histórico, a **estética da negação**, de estilhaçamento, ou a inflexão marginal da forma a devorar a si mesma como realidade crítica "pura". Já não causa espanto hoje, como há quinze anos atrás, o "salto" ou **boom** inovador, não-autofágico, do romance de Carpentier a Cortázar, de Fuentes a Vargas Llosa, de Rulfo a García Márquez, etc.

Como romance pós-moderno (um parêntese: será já possível definir o "pós-modernismo", ou é possível apenas reconhecer a fratura com a **tradição moderna**?), o romance la

tino-americano percorreu tanto a estrada fértil da paródia transgressora do modelo sedimentado — com a qual, aliás, a ficção brasileira tem transitado algumas de suas melhores experiências e resultados —, como tem mergulhado em invenções recriadoras de estruturas populares arcaizadas, mas funcionais à restauração da visão totalizadora. Chame-se a essas formulações de "realismo mágico", rótulo comum de interpretação em década e meia pelo menos[10], de "realismo maravilhoso"[11], ou de reintegração "operística", não há mais dúvida — sem que seja necessário mencionar os prêmios Nobel a Miguel Ângel Astúrias e a Gabriel García Márquez —, impôs-se uma resultante ficcional adequada à identidade cultural periférica da **latinamericanidade**. Essa resultante **afirma**, como discurso estético, a realidade cultural que a produz[12]. Destarte, supera, isto é, ultrapassa a exaustão tanto do figurativismo realista da melhor tradição romanesca do século XIX — que modelou no Brasil a melhor ficção **pré-roseana** —, como igualmente a tradição moderna pós-proustiana de distanciamento artístico ou de descentramento existencial. E sobretudo desvencilha-se da autofagia formal de discursos romanescos que se comprazem em tomar, neste tempo pós-modernista, a palavra como significante e significado incessantes, como uma cobra cuja cabeça jamais termina de engolir o rabo.

É possível falar agora, à maneira de simples amostragem, mas como lições de vitalidade da forma romanesca, faltosas no romance brasileiro de 1981 e 1982 — com as devidas e raras exceções —, de dois romances latino-americanos publicados no mesmo período e, ainda nele, traduzidos e editados no Brasil: **A Guerra do Fim do Mundo**, de Mario Vargas Llosa[13], e **Crônica de uma Morte Anunciada**, de Gabriel García Márquez[14].

III

O comentário crítico aos dois romances, será visto, está sintonizado a um olho crítico contextual. Que não é meu, porque (o que é de suma importância) está subordinado à perspectiva do **autor** ou da voz narrativa de cada romance. De Vargas Llosa, como de García Márquez, é a construção crítica sobre o espaço cultural representado, duas realidades arcaizadas — uma delas, coincidentemente, tematizada da realidade histórica brasileira —, que são vistas igualmente como um contexto periférico que não possui senão sua verdade trágica imemorial.

Cabe externar uma ressalva, com relação ao tema de **A Guerra do Fim do Mundo**, a Guerra de Canudos. Escapa ao propósito deste artigo avaliar-lhe os aspectos historicamente factuais. Em se tratando de um romance, a discussão (ainda não encerrada no Brasil)[15] me parece menor. Se o tema é polêmico, deve-se lembrar que foi essa natureza controversa que permitiu ao romancista peruano escrever 550 páginas estupendas e estupefactas. Portanto, o romance de Vargas Llosa é **apenas uma leitura** do tema histórico, ou uma interpretação transubstanciada. Interessa ao crítico, do mesmo modo que ao leitor, captar em que grau de plausibilidade e êxito recriador o autor produziu aquilo que é próprio da função romanesca — **iluminar**, pela mediação estética, as tensões de uma realidade conflitiva.

Porque não só a essa função iluminadora, Vargas Llosa esteve atento, autoralmente. A arquitetura de seu romance é bem a evidência de seus propósitos ficcionais, na medida em que a Guerra de Canudos constitui apenas o palco cênico para as ações que tematizam a trama. Como na tragédia grega, os **protagonistas** atuam no centro da arena. Mas o

coro (o corifeu e os coreutas representando o povo) é que estabelece — em segundo plano — a pontuação crítica. Ou seja, que assinala a trajetória do **destino** dos protagonistas ou que faz o contraponto moral às tensões que se exteriorizam pela ação dos protagonistas. Como **autor** e **narrador**, Vargas Llosa trabalhou com artifício similar, para não competir com a História (e com **Os Sertões**, de Euclides da Cunha).

Por conseguinte, Antônio Conselheiro e seus milhares de seguidores, de um lado, e as tropas que os combateram, do outro, são matéria histórica antagônica no centro da arena. Mas o autor não os conflituou **dramaticamente**. Os personagens a que chamaríamos de "fictícios", formando o coro, estes, sim, são os porta-vozes das tensões contextuais que extrapolam — da luta para a atualidade — as mesmas tensões da guerra, tensões não resolvidas, segundo Vargas Llosa. Efetivamente não resolvidas, aliás, pois, do contrário, por anacrônico, **A Guerra do Fim do Mundo** não obteria o êxito de recepção que obteve não só no Brasil.

Portanto, do ponto de vista romanesco, são os personagens "fictícios" que se conflituam. Não é necessário selecioná-los. Todos se tornam indispensáveis à ótica crítica operística da recriação, em plano de fuga, das tensões que acabaram em choque frontal e em massacre na arena cênica. Do Barão de Canabrava, europeísta da melhor cepa transplantado aos trópicos, ao jornalista míope, com sua clarividência em estado fetal, sem esquecer o equivocado revolucionário Galileu Gall, todos esses porta-vozes são mediadores das tensões em confronto.

Não será possível anotar aqui mais que a sólida convicção de haver Vargas Llosa recolocado a forma romanes-

ca, em **A Guerra do Fim do Mundo**, para além do figurativismo prosaico dito "realista". Mas essa decolagem é feita por um empuxo estético despojado da ourivesaria de artifícios formais "puramente" lúdicos, desprovidos de função.

Poder-se-á dizer que a forma romanesca moderna se desgarrou das intensas recorrências histórico-factuais detectáveis em **A Guerra do Fim do Mundo**, a ponto de personagens históricas transitarem com desenvoltura por território não alegórico, não metonímico, etc. É verdade, o **romance histórico** contemporâneo foi em outra direção.

Não obstante, se não se vai rediscutir agora sobre as conquistas do mais avançado romance **criticamente** latino-americano — exclusive Jorge Luís Borges, mas inclusive brasileiro, já que só falar de **Grande Sertão: Veredas** demandaria o resto deste artigo —, pode-se argumentar que a presença do romance de Vargas Llosa neste texto interpretativo não visa a sacramentá-lo como uma regra. Mas, sim, definí-lo como lição exemplar que aponta para a regra. E essa regra recusa os modelos cujo desgaste talvez explique a má performance atual do romance brasileiro. Tanto assim que o livro de Gabriel García Márquez, **Crônica de uma Morte Anunciada**, com um grau mínimo de referência histórica —a despeito de valer-se da **crônica histórica** como estrutura —, é, primordialmente, a metáfora da realidade contextual, em que os referentes geográficos e cronológicos mal deixam saber que a ação romanesca transcorre há uns 30 anos atrás, no norte da Colômbia, na paisagem do Caribe predominante na ficção de García Márquez.

O texto é rigorosamente um romance contemporâneo, **pós-moderno**, pelas inovações e pelo domínio do artesanato ficcional. Sua concisão e seu talento narrativos, seu despojamento do discurso, são exemplares, mesmo se se quiser si-

tuar a **Crônica** em plano inferior a **Cem Anos de Solidão** ou a **O Outono do Patriarca**, os carros-chefes do ficcionista colombiano.

A inovação dos recursos técnico-formais — notadamente o ponto de vista narrativo e o percurso do tempo cronológico[16] — parecerá eventualmente a qualidade mais saliente do romance. Mas logo se conclui que a inovação técnica está a serviço da adequação da forma da **crônica histórica** aos resultados ficcionais que refletem a visão do mundo do autor. Como os "informantes" da crônica (seus muitos personagens) não merecem completa credibilidade, o narrador entrelaça, a um só tempo narrativo, vários depoimentos e diferentes momentos cronológicos desses personagens. A isto, alia dois outros recursos: a ação romanesca — toda ela — dura exatamente hora e meia, ao longo de 177 páginas; e o narrador é o próprio García Márquez como personagem secundário.

O efeito é estonteante. A linearidade própria da crônica histórica é transformada num percurso circular entre o mundo representado e o personagem Santiago, que vai morrer de "morte anunciada". Eliminando o suspense convencional, que seria falso num relato "histórico", Márquez explicita logo na primeira linha do texto que Santiago está acordando "no dia em que o matariam". Uma hora e meia depois, ou 177 páginas andadas, em ritmo ágil que busca escapar à fatalidade do destino (e de uma morte que, paradoxalmente, todo mundo sabe que vai acontecer, mas não a impede) o personagem tomba e suas últimas palavras fecham o círculo: "Me mataram".

E, no entanto, trata-se de um texto ficcional cuja linguagem está entranhada dos mitos, dos valores e dos preconceitos de sua realidade cultural, sem que nunca recor-

ra ao exótico. Oferece, contudo, uma lição final. Por meio de uma teia bem enredada, o autor faz descobrir, em sua metáfora romanesca, que a tragédia foi tecida pela mesma Penélope que, muitos anos depois, torna-se também capaz de tecer a teia da salvação contra o destino trágico. Não para o protagonista assassinado, é claro. Nem para a personagem — com o sardônico nome de Ângela — que deu causa à fatalidade. A lição fica, naturalmente, para o leitor do romance, que nele encontrará o contraponto crítico para um mundo que pode estar descentrado.

Mas esse descentramento não constitui uma fatalidade, determinada pelos deuses. Ao menos segundo Vargas Llosa, García Márquez e o romance latino-americano.

IV

Não há razão (acabou-se de constatar) para falar em morte do romance. Cabe perguntar, como fez Louis D. Rubin, Jr.: "who killed the novel?" Ele acha que foram os críticos literários[17]. No caso brasileiro, pode ter sido a "síndrome das 120 páginas" (extensão média de 80% dos romances brasileiros atualmente editados) e o virtuosismo da forma a se devorar e a pretender (realmente uma pretensão) ser Fênix até que a ave mítica morra para sempre.

Vale repetir, como nos antigos fechos-de-ouro, que as lições modelares apresentadas por amostragem favorecem a novas sendas para o romance brasileiro. Não será errônea a ilação de que não devamos, os brasileiros de um romance em crise, buscar nossas próprias soluções novelísticas. Buscá-las num jogo dialético entre a forma e o real, por meio da hoje obscurecida ação romanesca.

*O presente texto é versão refundida, em julho de 1983, de dois artigos, com o mesmo título, originalmente publicados na seção "Crítica de Rodapé", no jornal **A Tarde**, Salvador, 01 e 22 mai. 83. 2º cad., p. 3. Os conceitos e argumentos desenvolvidos nos dois artigos foram inteiramente preservados.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

2 Rio de Janeiro, Codecri, 1981.

3 Rio de Janeiro, Record, 1982.
Cf. o comentário em SALLES, D. O Menino no Espelho. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 27.mar.1983. Supl. "Cultura", 2(146):15.

4 Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

5 Uma retomada da discussão está em RUBIN JR, Louis D. The Curious Death of the Novel. *The Kenyon Review*, Gambier, Ohio, 28(3):305-25, jun.1966.

6 Dou apenas dois dos mais recentes e mais felizes exemplos de tal exercício: COUTINHO, Sônia. *O Jogo do Ifá*. São Paulo, Ática, 1980; e SANT'ANNA, Sérgio. *Um Romance de Geração*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

7 A partir do conceito de **metalinguagem**, desenvolvido por Roman Jakobson como uma das funções da linguagem, foi-me possível demonstrar a função **metanarrativa** em Machado de Assis. Cf. SALLES, D. Retirando os óculos das ilusões. In: ___. *Do Ideal às Ilusões*. Rio de Janeiro/Salvador, Civilização Brasileira/Fundação Cultural, 1980, p. 97/119.

8 GULLAR, Ferreira. "A Poesia". In: ___. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, p.287.

9 Cf. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1975. p.139; e também, para compreensão mais abrangente, RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório*, 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1978.

10 O termo foi desenvolvido a partir de uma afirmação de Alejo Carpentier. Cf. CARPENTIER, *Literatura y Conscien cia Política en América Latina*. Madrid, Alberto Corazón, 1969.

11 Refiro-me ao ensaio de CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso*. São Paulo, Perspectiva, 1980.

12 Sobre a afirmação dos valores periféricos, cf. MORÃN, Fernando. *Novela y Semidesarrollo*. Madrid, Taurus, 1971.

13 Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

14 Rio de Janeiro, Record, 1982.

15 Proliferaram os artigos, sobretudo no Rio e São Paulo, o último que conheço, na Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, em provinciano destaque.

16 Para informação imediata sobre os problemas técnicos do romance, consultar SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *A Estrutura do Romance*. Coimbra, Almedina, 1974. (Separata do livro, do mesmo autor, *Teoria da Literatura*).

17 RUBIN JR., op.cit., p.305/7.

UMA ESTÉTICA MARXISTA: DELLA VOLPE

Cid Seixas

R E S U M O

Galvano Della Volpe e a sociologia da arte como uma semiótica marxista. A questão da linguagem e dos outros códigos do ponto de vista materialista. O privilégio da teoria da literatura nos estudos deste autor. A ortodoxia do materialismo histórico dellavolpeano e a recusa da dialética. Marx e a **forma** frente aos desdobramentos posteriores do **rechaçamento equívoco** das questões formais no horizonte do marxismo. Della Volpe e o audacioso investimento no campo da expressão como forma de construir o contorno do conteúdo.

1 INTRODUÇÃO

A Editora Ática publicou na sua coleção "Grandes Cientistas Sociais", coordenada por Florestan Fernandes, a coletânea de ensaios de Della Volpe intitulada **Sociologia**, sob a responsabilidade do professor Wilson J. Pereira, do Departamento de Filosofia da UNESP.

O pensamento de Galvano Della Volpe é praticamente desconhecido no Brasil, embora o organizador do volume considere a sua estética mais importante que a de Lukács, no que evidentemente não encontra muitos seguidores entre os estudiosos brasileiros; principalmente entre aqueles que reclamam a necessidade de uma postura dialética diante

do materialismo. A ordodoxia dellavolpeana chega a banir do âmbito do marxismo todos os pensadores que aceitam a filosofia de Hegel como base dialética de Marx. Lukács será, portanto, o alvo das suas críticas, assim como os neo-hegelianos de Frankfurt.

Seu indisfarçado anti-hegelianismo recusa a conhecida seqüência Hegel-Feuerbach-Marx, que é substituída pela cadeia Aristóteles-Galileu-Marx, rejeitando inteiramente a contribuição idealista ao sistema marxista por ele vislumbrado.

A leitura dos textos de Della Volpe nos põe diante de um discurso radical, de alguém que se insurge como depositário do monopólio da verdade, quando exclui um autor como Lukács do âmbito do marxismo, ajustando este sistema filosófico às suas concepções, e não ao pensamento de Marx e Engels, enriquecido e ampliado pela tradição moderna do materialismo dialético.

Mas, ao lado desta intransigência, Della Volpe deu um salto surpreendente, ao pretender construir a sua sociologia da arte sobre bases científicas que pressupõem tanto o conhecimento dos mecanismos de formação social quanto dos meios expressivos e significativos da obra de arte. Este filósofo não se recusou a estudar as modernas ciências da linguagem, como a Lógica, a Lingüística e a Semiótica, procurando submeter este campo do saber atual às exigências do materialismo histórico.

2 POR UMA SEMIÓTICA DA ARTE

Ainda constitui motivo de orgulho para alguns estudiosos de formação marxista ignorar a estrutura da obra de arte como um todo, centrando a atenção exclusivamente na

substância do conteúdo. Os modos pelos quais este conteúdo é expresso e formado permanecem inexplorados no âmbito da chamada "sociologia da arte", designação comum às várias estéticas realistas. A especificidade de tais estruturas requer uma preparação filosófica e científica que, quase sempre, assusta certos "estudiosos" preocupados em defender a validade permanente das suas conclusões pré-moldadas, o que implica na condenação de toda análise dos mecanismos de expressão e formação dos conteúdos.

Da cisão imposta por esta prática surgiram duas tendências estéticas equivocamente designadas de **conteudismo** e **formalismo**. Enquanto a primeira se empenha em negligenciar a **expressão** artística e conferir ao **conteúdo** o estatuto de único objeto estético digno de atenção, o segundo se esforça para dar ênfase à forma pela qual a obra de arte é constituída. Evidentemente, esta divisão é imprópria, por partir do pressuposto de que na literatura, ou na arte em geral, o **conteúdo** é o pólo oposto da **forma**. O lingüista dinamarquês Louis Hjelmslev, ao aceitar a premissa de Saussure segundo a qual o estudo da língua é parte da ciência dos signos no seio da vida social, isto é, da Semiologia[1], demonstrou que todo **conteúdo** possui uma **forma** e uma **substância**, e que este **conteúdo** é manifestado através de uma **expressão** igualmente constituída por uma **forma** e por uma **substância**[2]. Ao dotar o **conteúdo** e a **expressão** de **forma** e **substância**, Hjelmslev retomou um fio que vem desde Platão e Aristóteles[3]. Tudo que existe tem uma **forma** e uma **substância**, razão pela qual o outro lado da medalha onde se inscreve o **conteúdo** é a **expressão** (em termos saussureanos, o **significado** é expresso pelo **significante**).

Assim, todo crítico que se pretenda um "conteudista", por oposição aos "formalistas", já começa partindo

de um equívoco que só tem servido para aumentar o fosso que dicotomisa o pensamento estético. Considerar o estudo do **plano da expressão** como uma atitude formalista é tão absurdo como abandonar as investigações sobre o **plano do conteúdo**, como fizeram alguns dos chamados formalistas russos e estruturalistas.

Contrários a estas duas posições contendenciosas, pensadores marxistas como Adam Schaff, de um lado, e Della Volpe, do outro, procuraram dotar a filosofia da praxis de uma ciência dos processos simbólicos. O primeiro, representante de uma linha dialética do marxismo, e o segundo, defensor da ortodoxia que pretende anular a presença de Hegel no sistema filosófico construído por Marx e Engels.

Ambos, no entanto, souberam estar atentos para esta lacuna a ser preenchida e que foi tão bem denunciada por Engels na conhecida carta a Mehring, ao criticar um estudo deste autor sobre o materialismo histórico: "Por outro lado, falta apenas um ponto, mas que não foi, nos escritos de Marx nem nos meus, destacado com regularidade e de maneira suficiente, e, nesse aspecto, todos somos igualmente culpados. Principalmente, todos nós atribuímos e **tivemos de atribuir** o máximo da importância à dedução das concepções políticas, jurídicas e outras concepções ideológicas, bem como aos atos que delas derivam, a partir dos atos econômicos fundamentais. Ao fazermos isso, descuramos o lado formal em troca do conteúdo — a maneira como surgem essas concepções, etc. Os nossos adversários aproveitaram com unhas e dentes a ocasião para suscitarem mal-entendidos"[4].

Preocupado com o futuro dos estudos marxistas, Engels chamou atenção para a necessidade do preenchimento desta lacuna, enquanto confessava a sua falha: "É sabido que, de início, a forma é sempre descurada em proveito do fundo.

Como já disse, também procedi assim e o erro surgiu-me sempre *post festum*. É por isso que de maneira nenhuma vos censuraria, sendo eu um antigo cúmplice e nada qualificado para isso, pelo contrário — mas, pelo menos, desejaria chamar a vossa atenção para este ponto, no que respeita ao futuro"[5].

Como bem observou Wilcon J.Pereira, Della Volpe toma como base este depoimento de Engels para estabelecer a aproximação entre a ortodoxia marxista e as modernas ciências do signo e da comunicação. Talvez seja este o mérito maior da estética dellavolpeana: dotar o materialismo histórico de uma teoria das linguagens artísticas, ou de uma "estética dos meios expressivos", se bem que, como já foi dito, a semiótica de Della Volpe se circunscreva às fronteiras de uma teoria da literatura[6].

O texto literário constitui o objeto central das suas reflexões, talvez pelo fato de um dos movimentos de época, o realismo literário, oferecer a possibilidade de integral realização do ideal estético marxista.

Como a música e a pintura, por exemplo, operam com signos não-verbais, elas não estão tão intimamente envolvidas com as formas do conteúdo comuns à sociedade. A literatura, ao utilizar signos verbais, utiliza também as formas ou as concepções impostas à realidade pela cultura comum, e já presentes na palavra.

3 A AUTONOMIA DO POÉTICO

Embora proclame a poesia como um valor cognosciti vo e um "pensamento semanticamente orgânico e autônomo"[7], ao contrário da ciência, que seria um tipo de pensamento dependente, Della Volpe atrela a arte à realidade objetiva,

não considerando devidamente a sua implicação com a realidade subjetiva, fonte revolucionária e modificadora do mundo. A dialética do conhecimento, que é sempre um resultado dos processos objetivo e subjetivo, como alerta Marx nas **Teses sobre Feuerbach**[8], é excluída da ortodoxia materialista dellavolpeana.

O pensador italiano leva demasiadamente longe a exigência do comprometimento da arte com a realidade, divergindo da conceituação do **verossímil** proposta por Aristóteles, embora, a princípio, siga as trilhas do autor da **Poética**: "o poeta para ser poeta, ou seja, para dar forma às coisas (mesmo que a seu modo, como veremos a seguir), deve raciocinar ou pensar e portanto ajustar contas com a verdade e a realidade" — e, contrariando Aristóteles, conclui — "não menos, certamente, que o historiador ou o cientista em geral"[9].

Para o realista clássico, o compromisso da criação artística com o real difere daquele assumido pela história ou pelas outras ciências, na medida em que o **verossímil** se desvencilha dos acontecimentos particulares e se refere ao geral, enquanto conjunto de fatos que aconteceram, acontecerão ou são projetados pelo desejo do poeta.

Atento a esta colocação de Aristóteles, Marx, na **Introdução à crítica da economia política**, ao observar as vinculações da arte grega com os valores da sociedade, se apercebe de que nem sempre subsiste esta íntima comunhão entre as duas estruturas. É reveladora a passagem que diz: "É sabido que, no que toca à arte, determinados períodos de florescimento não estão, de maneira nenhuma, relacionados com o desenvolvimento geral da sociedade, nem por conseguinte, com a base material, por assim dizer, a ossatura da sua organização"[10].

É verdade que o fundador do materialismo dialético privilegiava os movimentos em que as relações entre arte e sociedade se processam harmonicamente, traduzindo nesta sua exigência de compromisso a influência do momento histórico em que viveu, quando o realismo artístico assumia a ideologia proletária dos pensadores socialistas e comunistas. Deste modo, todo movimento de dissociação, considerado anti-realista, era associado ao desvairamento romântico que conduziu a uma arte desentranhada do contexto social, como a chamada arte pura, ou arte pela arte. E o fundador da filosofia da praxis só compreendia as manifestações artísticas em relação às demais estruturas da sociedade, onde se originam e têm uma função histórica. Mas isso não significa que ele recusasse à arte a liberdade, que efetivamente tem, de transgredir estas relações e instaurar um novo espaço.

É precisamente nesta liberdade de transgressão está contida a capacidade da arte de contribuir para a transformação do mundo e de se tornar também um dos agentes da história.

Sem perder de vista estes fatos é que se deve observar a predileção de Marx e Engels pelo realismo, compreendendo a necessidade prática dos autores do **Manifesto do Partido Comunista** de rejeitar as manifestações estéticas que se mantinham alheias aos processos de engajamento instaurados na segunda metade do século XIX como oposição ao pensamento burguês. Incompreensível, porém, por ser intempestiva, é a encenação metonímica destes sentimentos por muitos dos novos marxistas, a quem cabe reexaminar e redimensionar a questão, que não pode permanecer imune à influência do tempo em que vivem e produzem.

Tal crítica pode ser feita a Della Volpe, quando este se recusa a admitir a evolução literária, dada através

da sucessão dos estilos de época, que se negam e modificam através da cadeia temporal. Ele eleva o que chama de "realismo socialista" à categoria da intemporalidade, excluindo a importância dos novos rumos e caminhos impostos à arte pelo progresso (ou retrocesso) do espírito. Ingenuamente, identifica toda vanguarda com a simples experimentação formal, assumindo uma postura conservadora que apresenta o perigo de analogia com a atitude inquisitorial católica dos obscuros tempos, diante de Galileu e de outros profetas do humanismo, que tornaram necessária a revisão das concepções estabelecidas pelo saber da época.

Diz Della Volpe, num apêndice à sua **Crítica do gosto**: "Creio que o conceito (e o nome) de 'vanguarda', ou seja, de **poética** de vanguarda, não nos sirva a nós marxistas e não possa criar senão mal-entendidos e confusões, uma vez que se trata de um termo muito comprometido historicamente"[11]. Ora, a nossa primeira objeção a este raciocínio é que qualquer termo pode ser redefinido, como fazem todas as ciências. A segunda é que não se justifica este cuidado para não enfrentar problemas de fronteira, porque, igualmente, se constitui ponto controvertido a formulação de uma "estética dos meios expressivos" no seio do marxismo. Mas, nem por isso, o próprio Della Volpe deixou de enfrentar o desafio imposto pela ciência moderna, denunciando os pressupostos idealistas até então incontestados neste campo virgem para os marxistas, e procurando submeter os estudos já realizados ao rigor do materialismo histórico. Nada impede que um filósofo, após examinar as descobertas dos adversários, constatando a sua validade, possa incorporá-las ao seu domínio do saber.

Somente assim, o homem alarga os horizontes do conhecimento e responde às provocações da realidade.

Armar o pensamento em trincheiras isoladas só retarda o desenvolvimento da ciência e conduz os lados opostos a se confinarem em "verdades" imutáveis e belicosas.

Não se deve perder de vista o fato de que, para o materialismo dialético, a verdade é um processo contínuo e inacabado, que se completa a cada momento, através da sua própria negação. Negligenciar este princípio essencial compromete inteiramente todo o trabalho e todo o esforço de quem o faça.

4 CONCLUSÃO

O conhecimento da obra de Della Volpe é hoje de fundamental relevância, não pelo que ela encerra de conflitante com a estética de Lukács — aí talvez resida um dos seus defeitos: a base não-dialética —, mas pelo que ela extrapola as preocupações lukacsianas. A tentativa de empreender um estudo científico das diversas linguagens artísticas ou dos seus sistemas de significação, através da análise dos textos dos lógicos e dos lingüistas, confere um interesse e uma seriedade indiscutíveis ao pensamento dellavolpeano.

Conforme, muito a propósito, acentuou Wilnon J. Pereira, "uma sociologia da arte que se pretenda marxista não pode dispensar um 'esboço de semiótica estética geral', por sua vez parte de uma semiótica geral"[12].

Não se pode negar o fato da semiótica ser uma disciplina filosófica que opera com as **formas** ou modos pelos quais o objeto é definido; isto é, a semiótica não se circunscreve apenas à descrição das **substâncias**. **Forma** aqui, como já ficou assentado, não se opõe a **conteúdo**, mas compreende o conjunto de procedimentos pelos quais uma zona difusa ganha realidade para os sentidos. Este princípio, expli

citado no nosso século por Saussure e Hjelmslev, dois cientistas de formação idealista, já havia sido intuído por Marx, como, por exemplo, nas "Notas sobre as recentes instruções prussianas relativas à censura", numa prova de que a compreensão deste problema não é propriedade privada de uma corrente do pensamento, mas fundamento científico a ser utilizado por toda a humanidade.

O iniciador do materialismo dialético compreendeu que os meios de operar com a realidade de que a arte dispõe são instrumentos modificadores desta realidade. E afirma: "A minha propriedade é a **forma**. Ela constitui a minha individualidade espiritual. Le **style, c'est l'homme**. E de que maneira"[13] ! Ao subscrever as palavras de Buffon — extraídas do **Discurso sobre o estilo** ("As coisas estão fora do homem, o estilo é o próprio homem"), proferido na Academia Francesa, em 1753 — , Marx contribuiu, suscinta mas indicativamente, para a compreensão do aspecto formal (que,como disse Engels, não foi suficientemente explorado pelo primeiro marxismo), abrindo o campo para posteriores discussões.

O estudo dos meios pelos quais as concepções são formadas, antes de se constituir numa alienação da realidade, é uma maneira de penetrar na essência desta realidade. O estilo, que é um elemento formal, longe de nos afastar da compreensão do homem é, como se vê, o próprio homem. Daí a necessidade de se desenvolver uma semiótica marxista, porque o fato desta ciência ter sido constituída pelos idealistas não torna este domínio propriedade de uma das correntes do pensamento. Como foi dito, no universo do saber não se admite propriedade privada: todos os bens espirituais são coletivamente desfrutáveis.

A estética de Della Volpe, não obstante esta faceta original — que consiste em submeter os modernos conheci

mentos referentes às ciências da linguagem, ou à semiótica, às exigências do materialismo histórico —, persiste no equívoco "ponto de honra" de alguns materialistas: nega à arte a autonomia reclamada desde as suas origens, por entrever aí uma atitude idealista ou mesmo burguesa. É verdade que, com respeito à música, ou à pintura, Della Volpe parte de critérios intrínsecos à obra de arte para buscar as suas relações com o momento histórico em que é produzida. Mas,no caso da literatura, que opera com signos verbais, ele arqui um compromisso entre as idéias estabelecidas pela sociedade e o significado do texto, que termina por se configurar como submissão. Deste modo, esquece que se a literatura, como a arte em geral, é uma forma de conhecimento, ela pode organizar os conceitos de uma forma divergente da estabelecida, através da língua, pelo momento cultural.

Lenine, ao discutir a natureza do conhecumento,recusava o processo cognoscitivo como um **espelho-morto**, vendo no conhecimento humano, como o fez Marx ao se opor a Feuerbach, uma atividade construtiva e modificadora da realidade objetiva[14] . Ora, a literatura não é um reflexo da realidade, no sentido de cópia, mas uma espécie de **espelho vivo** (para usarmos a expressão de Leibniz) que reflete o objeto, imprimindo nele as suas cores.

O compromisso da arte com a sociedade não pode ser visto como uma forma de submissão, mas terá que ser reconhecido como um diálogo de conflitos, isto é, como um compromisso dialético.

RÉSUMÉ

Galvano Della Volpe et la sociologie de l'art comme une sémiotique marxiste. La question du langage et des autres codes du point de vue matérialiste. Le privilège de la théorie de la littérature dans les études de cet auteur. l'orthodoxie du matérialisme historique dellavolpean et le refus de la dialectique. Marx et la forme devant les dédoublements postérieurs du bannissement équivoque des questions formelles dans l'horizon du marxisme. Della Volpe et l'audacieux investissement dans le domaine de l'expression comme forme de construire le contour du contenu.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 SAUSSURE, Ferdinand de. Lugar da língua nos fatos humanos. A semiologia. In: ___. *Curso de lingüística geral*; organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger; tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4a.ed.São Paulo, Cultrix, 1972, p.23-25.

2 HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J.Teixeira Coehe Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975, 150p. (Estudos, 43).

3 ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vellandro, Porto Alegre, Globo, 1969, 312p. (Biblioteca dos Séculos).

4 ENGELS, Friedrich. As tarefas da crítica marxista. In: MARX & ENGELS. *Sobre a literatura e a arte*. Trad. Alba no Lima. Lisboa, Estampa, 1971, p.43-44 (Trata-se de uma carta de Engels, datada de 14 de julho de 1893, posteriormente incluída pelo destinatário, Franz Mehring, na sua *História da Social-democracia alemã*).

5 Idem, ibidem, p.45.

6 PEREIRA, Wilcon J. Introdução. In: DELLA VOLPE, *Sociologia*; Trad. Modesto Florenzano. São Paulo, Ática, 1980, p.7-40 (Grandes Cientistas Sociais, 14).
(Na p.36, ele afirma: "Dessas linguagens, Della Volpe na realidade só estudou com maiores detalhes a que manipula signos verbais".).

DELLA VOLPE, Galvano. Discurso poético e discurso científico. In: op.cit., p.119.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX. *Trechos escolhidos sobre filosofia*; seleção de P.Y.Nizan; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1946, p.60-3.
Na página 60, Marx abre a primeira tese afirmando: "O defeito principal de todo materialismo passado (inclusive o de Feuerbach) é que o objeto (**Gegenstand**), a realidade, a materialidade, apenas são considerados sob a forma de objeto (**Objekt**) ou da intuição (**Anschauung**), mas não como atividade sensível do homem, como praxe, não subjetivamente".

DELLA VOLPE, Galvano. Op.cit., p.115.

MARX, Karl. A relação desigual entre o desenvolvimento da produção material e a arte. In: MARX & ENGELS, op.cit., p.61.

DELLA VOLPE, Galvano. Sobre o conceito de "vanguarda". In: Della Volpe, op.cit., p.161.

PEREIRA, Wilcon J. Introdução. In: Della Volpe, op.cit., p.36.

MARX, Karl. A liberdade da criação literária. In: MARX & ENGELS, op.cit., p.71.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: ___. Op.cit.

Adam Schaff faz uma observação que é pertinente à nossa discussão: "Pero el problema no se reduce a la distinción de las diferentes acepciones de la palabra 'subjetiva'; profundizándola nos vemos llevados a pensar que la subjetividad llamada 'pura' es una ficción.
En efecto, si hablamos del factor subjetivo en el conocimiento entendiendo por ello la influencia de los condicionamentos sociales sobre la actitud cognoscitiva del individuo (como los intereses del grupo o el lenguaje), se borra la línea de demarcación entre lo subjetivo y lo objetivo en el proceso de conocimiento. Pues el llamado factor subjetivo es claramente de origen social por lo tanto es 'exterior', objetivo, con relación al individuo; por el contrario, el condicionamento social objetivo se manifesta siempre como un componente de las actudes individuales, es decir, subjetivamente". Cf. Adam Schaff. La objetividad del conocimiento e la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo. *El proceso ideológico*. 3.ed., Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1976, p.67.

DIZEM QUE VAI MAL O VERNÁCULO NO BRASIL
(REFLEXÃO SOBRE O PORTUGUÊS E SEU ENSINO)

Rosa Virgínia Mattos e Silva

RESUMO

Este artigo, apresentado originalmente na Mesa Redonda sobre o "Ensino do português como língua materna", realizada no "Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo" (Lisboa, jun./jul., 1983) foi motivado por uma corrente de opinião, difundida aqui que afirma a crise ou a decadência da língua portuguesa no Brasil. Discute-se nele a questão da diversidade dialetal brasileira, em relação à norma lingüística idealizada e, em parte, codificada na tradição da gramática pedagógica. Procura-se também traçar um perfil aproximado dos que hoje, nos Cursos de Letras, se preparam para ensinar português, com o objetivo de, analisada uma realidade, tentar demonstrar que aqueles que apontam essa crise se encontram distanciados de fatores que favorecem a diversidade lingüística brasileira atual e impedem a imposição de uma norma tradicional já obsoleta.

1 O TEMA

A denominação do Congresso "Situação actual da língua portuguesa no mundo" e uma série de situações convergentes no Brasil — opiniões, em conversas, de pessoas consideradas cultas, mas não especialistas; publicações também de não especialistas em periódicos, mesmo na imprensa cotidiana; avaliações informais de professores, da área de Letras e de outras — motivaram-me a inscrever neste Congresso uma comunicação com o título que acabei por dar à exposição nesta Mesa Redonda de que, com muita alegria e interesse, aceitei participar.

De fato multiplicam-se as situações em que dizem, no Brasil, que vai mal a língua portuguesa. Irá mal, de fato, o vernáculo no Brasil? Claro que não. Vai muito mal a expectativa de alguns, até numerosos sem dúvida, que, desligados da realidade da nação brasileira, desejam recuperar algo que nunca fomos e, por isso, não assumem de fato o que nos legou e lega a nossa própria história.

A afirmativa anterior indica duas atitudes polares que se refletem nas avaliações que se fazem sobre o uso da língua portuguesa no Brasil e, por conseqüência, sobre o dever-ser de seu ensino: a dos que cobram a aplicação de uma norma obsoleta, idealizada por uma tradição cultural dominante e a dos que encaram realisticamente a diversidade lingüística do Brasil.

2 O PROBLEMA

Diante da magnitude territorial e da heterogeneidade cultural, social e econômica, frutos de sua história, o Brasil é, por definição, a nação da diversidade em qualquer aspecto que se queira considerar da sua vida social. A língua portuguesa no Brasil, impossível de ser de outra forma, reflete isso, apesar de uma visão redutora insistir na "espantosa", "notável", "esplêndida", "apreciável" unidade do português do Brasil. Esses qualificativos se encontram em trabalhos clássicos e muito difundidos sobre o português brasileiro.

A norma idealizada a partir de modelos literários do passado se encontra codificada na tradição da gramática

pedagógica transmitida — de maneira já muito mais crítica agora — no ensino da língua portuguesa.

As normas, e não a norma, culturalmente prestigiadas e de fato em uso por certos segmentos definidos como cultos da população brasileira da atualidade estão em certa medida documentadas pelo Projeto NURC[1] que, no momento, inicia sua fase de análise de dados. Os fundamentos para uma prática estão ainda longe de ser prontos para uma adaptação pedagógica que poderá partir de situações documentadas e permitirá, com certa margem de acerto, a condução do ensino baseada, pelo menos, nas variedades existentes nos dialetos de segmentos cultos de cinco capitais brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Rio Grande do Sul).

A diversidade lingüística quer diatópica, quer diastrática se encontra mais bem conhecida do que há trinta anos atrás quando Serafim da Silva Neto iniciou a sua cruzada dialectológica, seguindo Antenor Nascentes; contudo o seu conhecimento é ainda assistemático e fragmentário.

Com apenas dois atlas lingüísticos publicados — o **Atlas Prévio dos Falares Baianos**[2] e o **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**[3], outro ponto desde inícios de setenta, mas ainda inédito, o **Atlas Lingüístico de Sergipe**[4] e outros planejados ou em realização, não se pode dizer que a geografia dialetal do Brasil é conhecida; mas, sem dúvida, o é mais que antes.

Com trabalhos monográficos sobre dialetos regionais ou tópicos específicos desses dialetos apresentados em geral em dissertações de pós-graduação[5] circulação restrita e muitos artigos dispersos, em periódicos, além de comunicações e congressos, cujas atas freqüentemente por razões econômicas, não se publicam, vê-se que se faz dialectologia diatópica no Brasil. Não se pode, portanto, repetir o

que dizia Celso Cunha em 1964: "tudo ou quase tudo em nossa língua está por fazer, e a maior parte do que foi feito precisa de ser refeita"[6]. Nesses vinte anos se fez alguma coisa, apesar das dificuldades conhecidas. A qualidade desses trabalhos é claro que é variável, sendo constante, no entanto, o seu semi-ineditismo, já que a difusão é mínima, em geral por serem mimeografados ou publicados em periódicos de difusão limitada.

O mesmo se pode dizer da dialectologia social ou da sociolingüística, cuja temática vem ocupando alguns pesquisadores sobretudo a partir da década de setenta. Esses são dados animadores e também significativos para o conhecimento da diversidade lingüística brasileira. Abrem-se também perspectivas em direção a estudos de línguas em contacto com o português em algumas situações típicas do Brasil, tanto em relação aos contactos lingüísticos do português com línguas transplantadas por imigrantes a partir do século passado, como aos contactos com populações indígenas autóctones que mantêm, apesar dos massacres passados e presentes, vivas e em uso ainda no Brasil, mais de cem línguas indígenas[7].

Não é, portanto, desanimadora, de modo algum, a avaliação que se pode fazer sobre o conhecimento atual do português do Brasil embora, realisticamente, ainda se tem que afirmar não que está tudo por fazer, mas que há muito a ser feito e as dificuldades são muitas sobretudo porque pesquisas da natureza das anteriormente referidas exigem muitos pesquisadores bem preparados e financiamentos de peso e todos nós sabemos que não são de extração fácil, mas até mesmo muito difícil, os financiamentos para pesquisas que não apresentem rentabilidade imediata.

Diante de tal situação os que defendem uma norma culta, padronizadora, a ser transmitida e controlada pelas instituições sociais para isso organizadas, só podem apoiar-se na gramática ideal, compendiada com base em dados arbitrários. Aqueles que partilham como princípio a defesa da diversidade lingüística brasileira como ponto de partida para o ensino da língua materna no Brasil se vêem sem um instrumental cientificamente preparado a partir do qual possa ser conduzido um trabalho pedagógico criador e enriquecedor para os estudantes e para a língua portuguesa na sua diversidade histórica.

Assim sendo, navega-se um mar desconhecido,ou parcialmente conhecido, quando se pretende desenvolver, criteriosamente, o ensino da língua materna quer quando se pretende ser estritamente normativo, quer quando se pretende enfrentar a diversidade lingüística como princípio a partir do qual se desenvolverá o ensino.

Nada disso, é claro, impede que se proceda ao ensino da língua portuguesa no Brasil e a preocupação geral com o problema extrapola significativamente o âmbito dos cursos de Letras e da escola de primeiro e segundo graus, alcançando os órgãos mais elevados da hierarquia educacional brasileira como o Conselho Federal de Educação e até o Governo Central, além das camadas cultas em geral.Lembro aqui o curioso fato de ter em 1976 o governo central do país nomeado uma Comissão para estudar o problema da "carência lingüística" dos jovens e sugerir medidas saneadoras[8].

O denominador comum dessa preocupação, quase obsessiva e colocada de maneira distorcida e alheada da realidade, pode ser formulado numa arqui-sentença do tipo "vai mal o vernáculo no Brasil por causa da carência lingüística dos jovens que chegam à Universidade". Não é com dificuldade ho-

je que encontramos no Brasil não só publicações dedicadas a avaliar as redações dos jovens e medir com sofisticados recursos esse "comportamento carente", como também soluções alternativas e paralelas à escolaridade regular, como cursos chamados de recuperação ou cursos básicos de português para universitários, tentativas de sanar o mal e até propostas oficiais e recentes de que nos cursos superiores de Letras seja objetivo fundamental o ensino do vernáculo entendido como o desenvolvimento no "educando da capacidade de raciocinar e de se expressar em língua portuguesa"[9], delimitada como o dialeto padrão arbitrário e irrealisticamente compreendido.

A essa situação interpretada como "mal saneável", prefiro caracterizá-la como uma situação social, conseqüência de um multi-secular processo histórico, delineado e enraizado nas origens do Brasil colonial.

De imediato não se percebe o porquê da preocupação generalizada em "sanear" usos lingüísticos; detendo-me no fato, aflora-me uma explicação: sem serem saneados esses males, apesar das intenções, não causam mal maior (a não ser para quem sofre as suas conseqüências sociais), diferentemente dos males infra-estruturais que conduzem a ou condicionam essa situação dita de carência lingüística, os quais poderiam ser saneados. Para tanto, muito teria de se fazer no sentido de uma mudança política radical e, no bojo dela, uma mudança profunda na política educacional.

Reformas, reformulações e revisões da estrutura educacional no Brasil, desde os níveis mais profundos aos mais superficiais, sempre estão se fazendo da década de sessenta para cá, em todos os graus da escolaridade, sempre com a intenção explícita de melhorar a situação educacional. Ne-

nhuma delas, no entanto, incidiu no essencial que é o fato de ser irrisória a verba que os cofres públicos destinam à educação: dos 12% do orçamento das nações recomendadas pela UNESCO para a educação, não se destinam nem 5% no Brasil.

Desta pobreza inicial, que define uma linha política, advêm, sem dúvida, os males subseqüentes, continuando o Brasil o maior país de analfabetos do mundo, de pseudo-alfabetizados e de pseudo-escolarizados, apesar do chamado esforço governamental com os seus programas oficiais de alfabetização e escolarização alternativos[10] e dos programas não-oficiais organizados por instituições religiosas, políticas, TV's, organizações estudantis, comunidades de bairros, por exemplo, que se multiplicam sobretudo desde 1960 com chances diversificadas, por razões diversas, de frutificarem.

Não é sem razão que, em trabalho recente, Antônio Houaiss afirma com sabedoria: "É que fomos, no essencial, uma cultura ágrafa — e continuamos, agora, quase que realizando, caricaturalmente, por antecipação, o sonho ou o pesadelo ou o futurograma da "aldeia global": transitaremos de uma cultura ágrafa iliteratada de mera comunicação interpessoal para uma cultura ágrafa paraliteratada de comunicação de massas"[11].

3 O UNIVERSITÁRIO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Indicou-me a coordenação desta mesa que tratasse do "domínio/falta de domínio" da língua pelos estudantes que chegam aos cursos universitários. Procurarei deter-me naqueles que dependem mais diretamente do discurso lingüístico na sua formação e atuação profissional. Serão eles os futuros profissionais das chamadas Ciências Humanas, nelas incluídos os de Letras, tendo estes ainda como encargo maior e básico o de virem a ser professores de línguas e literaturas, entre elas, predominando, o ensino do vernáculo.

De antemão quero declarar que estou entre aqueles que recusam a qualificação de "carência lingüística" ou de "falta de domínio da língua" aplicadas aos estudantes brasileiros de hoje. A razão fundamental de minha recusa parte do fato de considerar distorcida a colocação do problema, para não dizer equivocada ou falsa.

Se os estudantes hoje não "dominam" a norma idealizada e própria a segmentos da cultura dominante sobretudo na comunicação escrita, dominam eles perfeitamente a norma do seu grupo social, desde que transmitam mensagens sobre temas ou assuntos que conhecem e pelos quais se interessam. Portanto, quando dizem que "não dominam a língua" deve isso querer dizer: não dominam a norma idealizada arbitrariamente e imposta, além de não poderem estar em condições de se expressarem sobre assuntos que não conhecem ou mal conhecem. É claro que a reação a tal colocação virá de imediato e em termos, aproximadamente, como os seguintes: os estudantes que chegam a um curso universitário devem dominar tal norma pelo menos na comunicação escrita e devem conhecer os assuntos que lhe cobram os seus cursos, já que escolheram tal curso universitário e pretendem ser profissionais da matéria.

Para explicar este ponto de vista tentarei expor o meu entendimento sobre o problema em dois planos: 1) a questão do não-preenchimento da expectativa quanto ao chamado "domínio da língua"; 2) a questão do não-preenchimento da expectativa quanto ao conhecimento que se espera de um estudante universitário.

3.1 O UNIVERSITÁRIO E O CHAMADO "DOMÍNIO DA LÍNGUA"

Esta reflexão se deterá na comunicação escrita, uma vez que, quanto à comunicação oral, os estudantes desde que dominem o assunto sobre que falam, utilizam a norma adequada a seu grupo social e etário.

A comunicação escrita obedece a normas estabelecidas preteritamente e, até certo ponto, ainda em uso na fala de uma elite cultural que hoje se situa entre uma minoria de indivíduos em geral de uma faixa etária avançada que representa um segmento sócio-cultural do qual não fazem parte os universitários, já pela idade já por pertencerem muitos dos que chegam aos cursos superiores brasileiros a segmentos sócio-culturais e econômicos diversos, já por ambas as razões. Portam os estudantes, desse modo, normas dialetais na sua comunicação oral que refletem a diversidade social e regional de onde provêm. Com isso quero, evidentemente, dizer que a caracterização sócio-econômica e regional dos estudantes se reflete nos usos lingüísticos que utilizam na sua fala que é, como não poderia deixar de ser, a base de sua escrita, embora medeiem entre a alfabetização e a chegada à universidade doze anos, nos quais o ensino do português objetiva treinar os estudantes para aquisição da norma lingüística da gramática prescritiva.

Diante dessa situação real, é natural que os estudantes, na sua maioria, só com muito esforço e pertinácia venham a dominar a norma idealizada há décadas atrás. Os desvios em relação a esse ideal lingüístico saltam aos olhos de imediato a qualquer professor que o conheça.

Os professores mais conscientes da problemática sociolingüística brasileira procuram trabalhar a partir dessa realidade diversificada, sem estigmatizar a variação dia-

letal, pelo contrário, valorizando-a, ao tempo em que desenvolvem o seu trabalho numa linha crítica que assume de fato o que alguns têm chamado de situação diglóssica[12], já que se tem diante e, de fato, indivíduos que são portadores de determináveis normas dialetais, mas que devem, entretanto, estar pelo menos conscientes da existência de outra socialmente exigida a um indivíduo escolarizado, sobretudo em determinadas situações sociais, entre elas a de professor de português, que muitos objetivam vir a ser. Creio não exagerar se afirmar que o professor de português hoje no Brasil não é um professor de "língua materna" **stricto sensu**, uma vez que tenta treinar os seus estudantes segundo normas, que na sua maioria, não pertencem a seus dialetos de berço.

Indicador dessa situação é hoje no Brasil se desenvolverem estudos sobre a língua portuguesa no sentido de observar, descrever e explicar fenômenos lingüísticos documentados nos estudantes que chegam à universidade e que exatamente indicam que eles portam uma gramática divergente da gramática prescrita oficialmente[13].

Os estudos referidos não só se têm detido em fenômenos de nível mais superficial e próprios à comunicação escrita como sejam as desobediências sistemáticas a normas de ortografia que refletem características da fala, mas tratam freqüentemente de fenômenos morfo-sintáticos e sintáticos que indicam variações estruturais mais profundas: têm sido feitos trabalhos sobre concordância no interior do sintagma nominal e sobre a concordância entre o sintagma nominal e verbal; sobre fatos relacionados à complementação verbal que desaguam em estudos sobre os relacionantes preposicionais e conjuncionais. Nesse âmbito também se inserem estudos sobre as estruturas subordinadas, sobretudo as relativas. A simplificação das estruturas de subordinação oracional e do vo-

cabulário refletem mais do que variantes dialetais, problemas relacionados a fatos que adiante apresento e que poderiam ser sintetizados numa expressão muito ouvida do tipo "empobrecimento cultural do estudante".

3.2 O CHAMADO "EMPOBRECIMENTO CULTURAL" DO UNIVERSITÁRIO

Há um pensamento generalizado no Brasil que configura a universidade como empobrecida e os cursos de Letras, ultimamente, têm sido caracterizados como "esvaziados". Foi inclusive o "esvaziamento" desses cursos que moveu a Comissão do Conselho Federal de Educação a propor um novo currículo para eles, a que já fiz menção. Muitos contestaram, entre eles eu, na linha que exponho a seguir, o fato de se pretender com uma reformulação curricular sanar tal situação.

Considerando o problema numa visão diacrônica e não apenas sincrônica e tópica, vê-se que um longo processo histórico-cultural conduziu à situação atual definida como "esvaziada".

A escola e sobretudo a universidade eram acessíveis a uma minoria privilegiada, em geral, por razões de ordem econômica. O povo brasileiro em sua variada gama de estratos — econômicos, sociais, étnicos — não chegava à escola. Hoje ainda não chega, está longe de chegar, em sua totalidade, apesar da obrigatoriedade oficial de oito anos de escolarização. O estado brasileiro não fornece condições suficientes para que se cumpra essa lei. Contudo, apesar das "seleções econômico-sociais" que vão eliminando os jovens brasileiros da possibilidade de uma escolarização nos diversos níveis — a pirâmide vai se estreitando logo a partir dos dois primeiros anos de escolaridade — um certo número

deles, além dos economicamente privilegiados de berço, conseguem vencer as várias etapas escolares e chegam à universidade, graças a um esforço consciente e admirável. Esse fato só é positivo e animador. Decorre dele que hoje, nas universidades deste país, a população é sócio-economicamente variada. Esse dado se reflete não só na diversidade do chamado domínio da língua, implícito aí os adjetivos culta e escrita — que já se discutiu antes — e, como não poderia deixar de ser, também no nível de formação e de informação dos estudantes universitários.

Ao propalado empenho nacional, embora insuficiente ainda, de multiplicar escolas não tem acompanhado o esforço muito mais oneroso e complexo de enriquecer a qualidade do ensino. Resulta disso que a quantidade tem sido inversamente proporcional à qualidade.

Uma ilustração recente desse fato, como exemplo: notícia recentemente veiculada em periódico da minha cidade (Salvador) informava que o governo do estado destinou por convênio com a Secretaria de Educação, envolvendo 172 prefeituras municipais, um bilhão de cruzeiros para "construção, ampliação e recuperação" de diversas escolas da rede estadual de ensino o que ampliará de 120 mil o número de alunos matriculados nas escolas de primeiro grau e de 1.300 o número de salas de aula. Depreende-se ainda da notícia que cursavam antes 105 mil alunos e que dos 2 mil professores passará a rede a dispor de 2.600. Contemporaneamente veiculava uma entrevista de um ex-Secretário de Educação do Estado, especialista em problemas educacionais, em que este afirma ser o estudante brasileiro o que permanece menos horas na escola — nem 4 horas, na média — e o que tem entre 150 a 180 dias de aulas no ano letivo, enquanto, como exemplo e para confronto, informa que nos EEUU e Rússia são cer

ca de 250 os dias letivos.

Apesar do número crescente de escolas, essas não são suficientes para atender a demanda educacional do país e, o que é mais grave, as que existem, por razões várias, estão longe de preencher os níveis de qualidade exigidos, com exceção de excelentes escolas particulares acessíveis a penas a uma elite minoritária e de alto poder aquisitivo.

Conseqüência inevitável da multiplicação quantitativa de escolas é a paralela multiplicação de professores despreparados para a tarefa a desempenhar. As soluções paliativas se corporificam na reprodução de escolas de nível superior para formar professores sem condições mínimas de executarem um trabalho qualificado; na criação de cursos de adaptação de professores de 1º grau para atuarem no segundo grau; na criação, por lei, de licenciaturas de curta duração — na sua origem para formarem professores do 1º grau logo sendo permitido o exercício da docência no 2º grau; além dos professores leigos e de monitores despreparados para conduzirem escolas, sobretudo nas áreas não-urbanas do país. Não se pode dizer que o Brasil não seja fértil em descobrir soluções paliativas para contornar problemas, enquanto soluções para de fato saná-los são difíceis de serem propostas por contingências políticas visíveis.

Diante da situação delineada em largos traços, se pode definir a educação, nos seus diversos níveis, no Brasil, como em evidente crescimento quantitativo e em também evidente decadência qualitativa. Creio que dificilmente se contestará essa afirmativa.

Não sou cética, nem pessimista. Acredito que uma mudança radical na política da educação que passe efetivamente e em todos os níveis a privilegiar a qualidade poderá sanar a situação atual. Para isso será necessário muito di-

nheiro e também algum tempo porque não se produzem mestres qualificados e não se criam novos hábitos culturais de repente, como se constroem, ampliam e recuperam escolas.

Voltando aos estudantes de Letras, a sua formação deficiente e informação deficitária são produto dessa situação histórica. A massificação desqualificada do ensino, em geral, refletiu-se diretamente no desenvolvimento da aquisição de hábitos de ler e de escrever. Não se escreve segundo os parâmetros prescritos para o texto escrito sem que se tenha conteúdos sólidos a transmitir e sem que se tenha um treinamento em função de uma expressão adequada.

A reforma curricular de 1971 (lei nº 5.692) que reestruturou em três grandes áreas o ensino do primeiro e do segundo graus (Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais)[2], com intenção de integrar o conhecimento, considerando fragmentado nas 16 matérias que compunham anteriormente o currículo, levou o ensino de Português para a área de Comunicação e Expressão. Priorizou-se não o ensino da língua materna, mas o ensino de linguagens outras entre elas a língua portuguesa. A meu ver essa orientação no sentido de desenvolver linguagens como instrumento de comunicação enriqueceu de um lado a formação do estudante e, quando bem conduzido, o integrou, sem dúvida, no universo áudio-visual do mundo em que vivemos. Por outro lado, o estudo da língua portuguesa, quer entendido como o "uso da língua" quer como "o saber a respeito da língua" ficou, sem dúvida, minimizado. Decorreu isso não só do alargamento do âmbito da disciplina como da massificação progressiva do ensino, a que antes aludi, e da proletarização do professor.

Este último fator tem levado os professores do ensino médio, para não falar dos outros, a sobrecarregarem-se de aulas, o que torna humanamente impossível um trabalho de

atendimento direto aos estudantes e que, no caso do ensino da língua materna, impede um acompanhamento crítico em relação às leituras, necessário para o desenvolvimento da compreensão do texto e o acompanhamento de exercícios escritos para treinamento da expressão escrita. Conseqüência inevitável disso foi passarem os professores de português a adotar como processo de avaliação mais generalizado os testos objetivos, último recurso para verificação de aprendizagem em cursos de línguas em geral e de língua materna em especial.

Há de lembrar que o ensino de línguas estrangeiras foi extremamente reduzido no ensino médio e praticamente excluído o trabalho com literaturas estrangeiras, incluindo-se também nessa situação a literatura portuguesa. Além disso, excluiu-se totalmente o latim, que mesmo ministrado com pouca suficiência enriquecia a formação geral do estudante que desejava seguir um curso de Letras. Isso no que diz respeito a uma formação básica para os cursos superiores de Letras, pois não quero me deter aqui na simplificação na formação básica para as Ciências Humanas em geral.

Além de todos esses fatores que condicionam a formação atual do estudante universitário e, no caso particular, o de Letras, não se pode deixar de questionar, para avaliar a qualidade deste estudante, os mecanismos vigentes para a seleção final de acesso à universidade e o que espera o licenciado em Letras depois de concluído o seu curso.

O vestibular unificado e classificatório conduz o postulante à universidade brasileira a condicionar sua escolha profissional, não com prioridade, a uma vocação ou tendência que porventura tenha. Há hoje uma avaliação que precede, em geral, esse impulso criativo e afetivo em direção a uma profissão: essa avaliação feita pelo estudante é conduzida no sentido da possibilidade, diante de suas qualifica-

ções, de entrar na universidade e do mercado de trabalho que o espera depois de feito o curso universitário.

Pelos vestibulandos, os cursos de Letras são considerados de fácil acesso e, uma vez que a concorrência não é grande, as chances de obter o diploma universitário são grande para quem se candidatar às Letras. Não se pode deixar de lembrar que tem acontecido ser o número de vagas oferecidas para Letras maior do que o número de concorrentes, o que só acontece com esse e raros outros cursos que têm em comum o que se chama corriqueiramente de pouco futuro profissional, isto é, rende pouco em termos financeiros ou em termos de ascensão social.

Diante disso, grande parte dos estudantes de Letras está ali não por um apelo interior, mas por uma necessidade prática de obter um diploma de nível superior, que um curso superior de Letras lhe possibilitará com mais facilidade, pelo menos no momento inicial de acesso à universidade. Tal melancólica situação conduz a que se vejam com freqüência estudantes que, diante da consciência que têm de sua formação insuficiente para enfrentar o trabalho docente, utilizam o diploma como meio de, no emprego que já têm, alcançarem o chamado "nível universitário" que lhe permitirá um salário um pouco mais alto.

Ainda um outro fator deve ser destacado para a compreensão do chamado esvaziamento desses cursos e está ele interligado ao anteriormente exposto: é a necessidade prática, de sobrevivência mesmo, que leva o estudante de Letras a trabalhar às vezes até em dois turnos para garantir o seu sustento e estudo. É fato conhecido que vão para os cursos de concorrência mais forte os estudantes de nível sócio-econômico mais privilegiado, por terem mais condições de serem

bem sucedidos no vestibular e nos cursos universitários, uma vez que, por sua situação sócio-econômica, freqüentaram melhores escolas da rede particular no ensino médio e, em geral, não precisam trabalhar enquanto fazem a universidade.

Para concluir o ciclo, o mercado de trabalho que hoje se apresenta a um profissional da área de Letras reduz-se quase que com exclusividade ao trabalho docente no ensino médio e, excepcionalmente, no ensino superior. Sobre a progressiva proletarização do professor no Brasil já aludi anteriormente. Diante de tal situação histórica só aqueles que respondem a um apelo interior forte para o magistério — que ainda existem, mas não são muitos — e outros, mais numerosos, que ali estão por não terem encontrado outra alternativa, procuram, atualmente, fazer o curso superior de Letras.

O conjunto dos fatores indicados condiciona o chamado "domínio da língua" do universitário que faz Letras e a qualidade da formação que consegue adquirir. Com esse rápido diagnóstico, o denominado "esvaziamento" dos cursos de Letras deve ser entendido como o resultado de um processo sócio-econômico e cultural complexo que poderá ser sanado com medidas complexas e que exigem não uma revisão ou reformulação, mas uma verdadeira revolução na política e, portanto, na ideologia que preside a educação no Brasil.

4 "PARA DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES"

Permiti-me roubar o título da canção-poema de Geraldo Vandré para não dizer prosaicamente "para concluir". É desestimulante levantar problemas sem procurar entrever saídas. Elas existem e dependem da vontade dos homens, daqueles que detêm o poder ou daqueles que "fazem a hora" e

"não esperam acontecer" (ainda roubando a palavra a Vandré).

Lembro-me que no final do ano passado escandalizaram-se os sensíveis ao problema com o fato de a complementação do orçamento que o Governo concedeu ao Ministério de Educação foi de 6 bilhões ao tempo em que complementava os Ministérios Militares em 150 bilhões. E o país, como se sabe, não estava em guerra. Se fosse outra a vontade dos homens, ou se fossem outros os homens, tal distribuição poderia ter sido invertida.

É possível planejar-se um sistema educacional que, a partir da pré-escola, priorize as necessidades efetivas da população brasileira, na sua totalidade diversificada, criando espaços para instituições que permitam a qualquer criança uma formação ampla e profunda que considere e respeite como ponto de partida a diversidade cultural e a leve em conta, não para homogeneizá-la, mas para tirar dela o melhor de sua potencialidade com o objetivo prioritário de enriquecer o patrimônio cultural brasileiro no seu sentido o mais abrangente possível.

Uma pré-escola e os primeiros anos de escolarização deveriam envolver em variados trabalhos de criação e de observação os iniciantes e teriam de suprir as deficiências familiares que o processo histórico-social brasileiro criou. O espaço da escola teria de ser uma espécie de espaço sagrado em que se pudesse tirar do estudante tudo o que tem em potencial e fornecer condições para a troca enriquecedora das diferenças, de forma a funcionarem como células a partir das quais germinasse uma nova sociedade, fundada em novos valores, que substituíssem o lucro, a concorrência, o poder discriminatório, etc.

Um curso médio já teria de abrir caminhos diferenciados para uma profissionalização, em substituição a um sa

ber inútil ou apenas técnico, que cerceia o conhecimento crítico da história do homem no mundo e dos seus problemas resolvidos ou a resolver. Um curso médio, na sua fase final (o atual 2º grau) seria obrigatoriamente diferenciado, intencionando atingir a escolha consciente de uma profissão futura e uma formação básica adequada a essa profissão.

Um vestibular, se necessário, que não apenas classificasse indivíduos para ser ou não ser universitários, mas que avaliasse a competência e vocação para a carreira escolhida com consciência e maturidade e com a possibilidade de levá-la ao fim sem a preocupação de sobrevivência.

Um curso universitário que se esquecesse dos diplomas e estivesse, prioritariamente, dirigido para o aperfeiçoamento do conhecimento crítico e de técnicas a fim de reformular, recriar, fazer crescer a sociedade, os seres humanos que a compõem, e o ambiente em que vivem.

No âmbito do ensino da língua materna que é o que, fundamentalmente, nos cabe aqui, penso que:

Nos primeiros anos de ensino a diversidade lingüística, o plurilingüismo de certas comunidades, o pluridialectalismo de todas deveria ser respeitado, cultivado, não só para favorecer o desenvolvimento natural da expressão oral, como também para não criar bloqueios que se tornam no futuro intransponíveis não só na comunicação escrita, como também na oral. O convívio com dialetos dominantes se faria também e naturalmente sobretudo através da leitura, quando fosse o momento, e pelo confronto contrastivo, sem avaliações de certo ou errado, mas no sentido de adequação/inadequação a determináveis situações novas.

O saber sobre a língua surgiria aos poucos, pela sistematização não apenas da gramática que chamei de idealizada e arbitrária, mas desta em concomitância à dos dialetos conviventes nas comunidades escolares.

A apreensão de outras linguagens quer orais, gestuais, corporais e da linguagem literária incrementada ao longo das séries escolares enriqueceria a expressão, a comunicação e a compreensão do mundo, a partir do melhor entendimento dos diversos meios de comunicação e de expressão de que dispõe o ser humano.

O aprimoramento da língua materna em toda a sua amplitude e na sua gama de variação possível e potencial seria assim um instrumento de libertação interior e social, um elemento agregador e não desagregador como aquele que impõe a norma de um dialeto dominante.

Para concluir responderia à questão inicial com a formulação já antes feita: não vai mal o vernáculo no Brasil pois reflete o processo histórico dos homens que o utilizam. Aqui apenas parafraseio o sábio lingüista francês do começo do século Antoine Meillet[16]: a história política do Brasil e a história da civilização brasileira explicam o português no Brasil. Vão mal, sim, os que julgam que o vernáculo vai mal, porque de viseiras não vêem em torno. Parece-me.

Resta-me agradecer a oportunidade de apresentar aqui o meu ponto de vista e vê-lo discutido por colegas com experiências tão diversas das minhas.

A B S T R A C T

This article, originally presented, at the "Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo" (Lisboa, jun./jul./1983) was motivated by a current point of view, diffused in Brazil, that affirms the crisis or decadency of the Portuguese language in Brazil. I discuss the question of the brazilian dialectal diversity, relating

it to the idealized linguistic norm, that is, in part, codified by the tradition of the pedagogical grammar. I also try to trace a profile of those who, as students in "Cursos de Letras", are being prepared today to teach portuguese. Analysing such a reality, I try to demonstrate that those who point out such a crisis have a fairly unnacurate view of the factors that favour the brasilian linguistic diversity and impede the imposition of a traditional norm, already obsolete.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 O Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC) começou a ser cogitado em 1969 no Brasil e se realiza desde então, apesar das dificuldades de vária ordem.

2 ROSSI, N. et alii, *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio, INL, 1963.

3 ZÁGARI, M./RIBEIRO J. e GALO, A. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio, MEC-FCRB-UFJF, 1977. Vol.I.

4 ROSSI, N. et alii. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Pronto para publicação desde 1973.

5 A Associação Brasileira de Lingüística nos seus boletins nº 2, 3 e 4 de 1982 e 1983 apresenta uma relação de dissertações e teses em Lingüística e Língua Portuguesa realizadas em cursos de pós-graduação na área de Letras no Brasil e entre elas estão trabalhos de dialectologia tanto diatópica como diastrática.

6 *Uma política do idioma*. Rio, Livraria São José, 1964, pág. 14.

7 Cf. MELATTI, J.C. *Índios do Brasil*, Brasília, Coordenada, 1972, págs. 12 e 13.

8 Cf. Entrevista a E. Pimentel Pinto de Tristão de Athayde publicada na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, (22):188, 1980.

9 Cf. *Projeto de currículo para os cursos de Letras*, CFE, março de 1983. Mimeografado.

10 Um trabalho informativo sobre o projeto MOBRAL é o do professor C. CUNHA, "Lingüística e pedagogia: o exemplo MOBRAL", publicado nos *Actas* do IV Congreso Internacional de la ALFAL (6 a 10 de enero de 1975), Lima, Peru,

1978, págs. 58-75.

11 Cf. "Língua e realidade social". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, (22):57, 1980.

12 Lembro-me aqui do trabalho de FROELICH, P.F., Brasil-língua padrão ou diglossia? *Revista de Letras*, ASSIS, FFCL, (7):165-77, Assis, 1975. Em artigo recente N. ROSSI contesta a denominação de diglóssica tal situação, considerando que está satisfatoriamente batizada: "diversidade na unidade" cf. A realidade lingüística brasileira. O mito da unidade e sua manipulação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, op.cit., p.35-44.

13 Indico aqui, como exemplos, trabalhos realizados por professores da UFBA, a que pertenço, já que não há um levantamento exaustivo pelo que sei, do que se tem feito no Brasil neste campo. Nas *Actas* do IV Congreso de la ALFAL (Lima, 6-10 enero, 1975), estão os seguintes estudos sobre aspectos sintáticos na expressão escrita de universitários baianos: ANDRADE, N., *Onde, na modalidade escrita de estudantes baianos*, págs. 178-185; CARDOSO, S. e MOTTA, J., *Concordância verbal en el português do Brasil: casos seleccionados*, págs. 259-267; HACKLER, M. da Conceição, *Simetria no uso do gerúndio nas 'orações reduzidas'*, págs. 349-356; SILVA, M.B. da, *Relativas: desempeño de estudiantes en la modalidad escrita del português de Bahia*, págs. 600-607. Além desses, lembro, LUZ, Ana Maria, *Percepção da estrutura sintática na compreensão de textos*, dissertação apresentada ao Mestrado de Educação da UFBA em 1978 (mimeogr.).
Escolhi tais trabalhos como exemplo desse tipo de pesquisa porque todos têm em comum o fato de terem se baseado em dados colhidos de trabalhos escritos realizados por universitários recém-ingressos na UFBA, estudantes do curso de "recuperação de português" que funcionou de 1973 a 1978 no Instituto de Letras dessa Universidade.

14 Cf. SOARES, B. Magda. O ensino de português no Brasil. *Actas* do 1º Encontro Nacional para Investigação e Ensino do Português, 1976. Lisboa, 1977, págs. 5-23.

15 Entre aspas estão as designações usadas no estudo citado na nota anterior.

16 Cf. MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 6.ed. Paris, Hachette, 1928: "L'histoire politique de Rome et l'histoire de la civilisation romaine expliquent l'histoire de la langue latine". (p.5).

17 Muito da reflexão contida nesta exposição resulta de discussões assistemáticas mas contínuas travadas no processo de trabalho do grupo de professores que ensinam Língua Portuguesa no Inst. de Letras/UFBA, grupo a que pertenço.

Impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

Programa para a História da Língua Portuguesa
PROHPOR
UFBA - IL - BLV

Capa: Larry Guerra Santos